



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS**

JOELMA DA SILVA NEVES

***MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL: UM ROMANCE DE ANTI-
FUNDAÇÃO**

**MONTEIRO
2019**

JOELMA DA SILVA NEVES

***MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL: UM ROMANCE DE ANTI-FUNDAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Especialização em Estudos linguísticos e Literários do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista em Letras: Estudos Linguísticos e Literários.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves

**MONTEIRO
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N511m Neves, Joelma da Silva.
Malinche, de Laura Esquivel [manuscrito] : um romance de
anti-fundação / Joelma da Silva Neves. - 2019.
62 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Letras: Estudos
Linguísticos e Literários) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Malinche (Romance). 2. Laura Esquivel (Escritora
mexicana). 3. Identidade nacional . 4. mulher indígena. I. Título
21. ed. CDD M863

62 p.

Digitado.

"Orientação : Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

21. ed. CDD M863

JOELMA DA SILVA NEVES

MALINCHE, DE LAURA ESQUIVEL: UM ROMANCE DE ANTI-FUNDAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Especialização em Estudos linguísticos e Literários do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista em Letras: Estudos Linguísticos e Literários.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 11/04/2019.

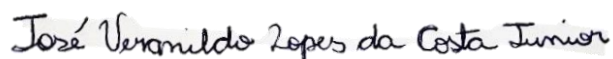
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. José Veranildo Lopes da Costa Junior
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado sabedoria quando pedi e coragem quando precisei.

À Especialização em Letras - Estudos Linguísticos e Literários do Campus VI/UEPB, por viabilizar minha formação acadêmica.

A meu orientador Wanderlan da Silva Alves, pela paciência e apoio não apenas para a realização deste trabalho. Mas, desde os anos da graduação que ajudaram a na minha formação tanto como professora como ser humano.

Aos membros da Banca examinadora, o Marcelo Medeiros da Silva e José Veranildo Lopes da Costa Junior, por terem aceitado e disponibilizado tempo para leitura e correção deste trabalho.

A cada um dos professores da Especialização, pelas discussões enriquecedoras e pelos momentos de descontração.

As minhas colegas de turma que alegraram meus dias, formando uma rede de compartilhamento de dramas, incertezas e sonhos. Em especial, a Danielle, Jéssica e Alcione. Vocês são maravilhosas!

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“La vida siempre nos ofrece dos posibilidades: el día y la noche, el águila o la serpiente, la construcción o la destrucción. El castigo o el perdón, pero siempre hay una tercera posibilidad oculta que unifica a las dos: descúbrela”.

(ESQUIVEL, 2006)

RESUMO

“*Malinchista*” é o termo utilizado no México para se referir a alguém que prefere o estrangeiro em detrimento ao nacional. Tal vocábulo deriva de Malinche que, de acordo com os discursos nacionalistas, é considerada uma traidora. Fruto ficcional e de reconstrução histórica, o romance *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, faz uma releitura do mito dessa personagem, a escrava índia que serviu de intérprete e amante de Hernán Cortés durante a Conquista do México. De cunho literário e dialogando com um arcabouço teórico baseado nos estudos culturais e decoloniais, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como na escritura do romance a autora Esquivel desmascara os mitos criados em relação a essa figura feminina ao longo da história e sobre os quais se construiu a ideia de “nação” no México. Para nossa análise, utilizamos como suporte teórico autores como Tzvetan Todorov (2010) e Walter Mignolo (2007), que abordam questões relativas à conquista e construção da ideia de América Latina: Benedict Anderson (1993) e Doris Sommer (2004) que tratam de temas relacionados à ideia de construção nacional e dos romances fundacionais e, por fim, Linda Hutcheon (1991) que reflete sobre as metaficções historiográficas. Esses autores serviram de suporte para análise das representações de Malinche em diferentes períodos históricos: colonial, moderno e pós-moderno. Como possível hipótese, dissertamos que esse romance configura-se como um tipo de ficção anti-fundacional, pois revisita o passado, problematiza os discursos oficiais e oportuniza ao leitor uma ótica voltada à mulher e ao marginalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Anti-fundação. Laura Esquivel. Malinche. Mulher. Nação.

RESUMEN

“Malinchista” es el término utilizado en México para referirse a alguien que prefiere al extranjero en detrimento del nacional. Tal vocablo deriva de Malinche que, de acuerdo con los discursos nacionalistas, es considerada una traidora. Resultado de imaginación y reconstrucción histórica, la novela *Malinche* (2006) de Laura Esquivel hace una relectura del mito de ese personaje, la esclava india que sirvió de intérprete y amante de Hernán Cortés durante la Conquista de México. De cuño literario y dialogando con un marco teórico basado en los estudios culturales y decoloniales, el presente trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre cómo en la escritura de la novela la autora Esquivel desenmascara los mitos creados en relación a esa figura femenina a lo largo de la historia y sobre los cuales se construyó la idea de "nación" en México. Para nuestro análisis, utilizamos como soporte teórico autores como Tzvetan Todorov (2010) y Walter D. Mignolo (2007), que abordan cuestiones relativas a la conquista y construcción de la idea de América Latina: Benedict Anderson (1993) y Doris Sommer (2004) que tratan de temas relacionados a la idea de construcción nacional y de las ficciones fundacionales y, por fin, Linda Hutcheon (1991) que reflexiona sobre las metaficciones historiográficas. Estos autores sirvieron de soporte para el análisis de las representaciones de Malinche en diferentes períodos históricos: colonial, moderno y posmoderno. En cuanto posible hipótesis, razonamos que esa novela se configura como un tipo de ficción anti-fundacional, pues revisita el pasado, problematiza los discursos oficiales y oportuniza al lector una óptica orientada a la mujer y al marginado.

PALABRAS-CLAVE: Anti-fundación. Laura Esquivel. Malinche. Mujer. Nación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MALINCHE E SUA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA ATRAVÉS DOS OLHARES DOS CRONISTAS.....	14
1.1 HERNÁN CORTÉS	14
1.2 BERNAL DÍAZ DEL CASTILLO.....	18
1.3 FRANCISCO LÓPEZ DE GÓMARA	27
2. HISTÓRIA E LITERATURA NA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL	32
3. UMA LEITURA CRÍTICA DO ROMANCE <i>MALINCHE</i> , DE LAURA ESQUIVEL.....	44
3. CONSIDERAÇÕES.....	56
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Com a chegada de Cristóvão Colombo ao território americano, no final do século XV, mais especificamente em 12 de outubro de 1492, inicia-se um longo e conturbado período de “descobrimento”¹ e conquista desse continente. Num primeiro momento, há um aparente maravilhamento e encanto diante da natureza, de seus habitantes e dos possíveis benefícios que essa “nova” terra traria. Porém, as dificuldades encontradas, como território e línguas desconhecidas e um grande número de indígenas dispostos a guerrear, geram a necessidade de estabelecer uma comunicação confiável, que pudesse direcionar os espanhóis para a obtenção dos seus objetivos, principalmente, de fama e riqueza.

Alguns conquistadores influenciados pelo novo contexto e induzidos pela coroa espanhola, que queria ter o controle absoluto sobre o que estava acontecendo em seu novo território, começam a escrever como uma forma de “prestar contas” e tornar os seus feitos memoráveis. É nesse contexto que as Crônicas indianas² surgem para informar, narrar ações e feitos dos conquistadores pela obtenção de terras, aquisição de riquezas e de tudo o que se podia relatar sobre este “Novo Mundo”, recém-descoberto e pronto para ser explorado.

Apesar do caráter aparentemente oficial, essas narrativas acabam por conter características próprias do autor que a produz, suas ideologias, percepções e intenções, oficializando o discurso do colonizador. Essas crônicas revelaram, em sua época, à grande parte da Europa um mundo desconhecido e misterioso para os habitantes da Europa, que só é permitido imaginar através do juízo de seus escritores. Desse modo, as Crônicas das índias constituem-se como um grande leque de relatos e narrações históricas escritas durante os anos de “descobrimento” e conquista da América. Contanto, mesmo contendo uma aparente diversidade escritural, esses “discursos históricos” do descobrimento e da conquista e primeiros textos a serem considerados literatura hispano-americana, foram baseados em uma

¹ Optamos por utilizar o termo “descobrimento”, pois consideramos que os primeiros textos/crônicas sobre a América possuem uma única perspectiva, a eurocêntrica. Mas, também estamos atentos, e também defendemos, que essa ideia de “Descobrimento” pode ser questionada e desestabilizada, como Walter Mignolo (2007) assinala, defendendo a ideia de uma “Invenção” da América (baseada em O’Gorman), que reflete o ponto de vista daqueles que foram marginalizados nesse processo (índios, negros e mulheres).

² Compartilhamos com Mercedes Serna (2007) do conceito de Crônicas indianas ou das Índias que abriga toda sorte de gênero cronísticos. Desse modo, “En nuestra opinión diarios, cartas, relaciones, cartas relatorias, comentarios, historias, historias verdaderas e historias naturales y morales, todos estos textos, cuyo tema es el descubrimiento y la conquista de América, se inscriben bajo el epígrafe ‘crónicas de Indias’ ” (SERNA, 2007, p. 53-54).

única perspectiva: a eurocêntrica, masculina e heterossexual que moldados a esse padrão foram capazes de explorar corpos, silenciar línguas, culturas e apagar pessoas.

Desse modo, a história oficial que chega até nós, parte da perspectiva eurocêntrica e se materializa como uma espécie de colcha de retalhos, cuidadosamente selecionada por aqueles que estavam no poder e que queriam perpetuá-lo. Marcada por uma escrita feita por e para homens as crônicas indianas deixam transparecer uma lógica colonialista que exclui e apaga a presença das mulheres, índios e escravos.

No entanto, neste período de conquista da América no século XVI, mais especificamente, do México, uma mulher indígena aparece, é Malinalli. Esta, conhecida na atualidade como Malinche, exerceu a função de “lengua”, ou seja, tradutora/intérprete de Hernán Cortés, sendo também sua amante e escrava. Nesse contexto de exploração, violação e silenciamento para maioria das mulheres, Malinche se sobressai tendo como seu “maior trunfo” a língua, pois havia aprendido idiomas indígenas e, posteriormente, o espanhol. Cortés a enxerga como peça chave necessária para concretizar seus planos de conquista, uma vez que ela poderia ser o elo capaz de estabelecer comunicação efetiva entre os indígenas e os espanhóis, já que muitos eram os problemas constatados pelos espanhóis por não saberem a língua dos nativos.

Posteriormente, durante os anos de independência mexicana a figura de Malinche reaparece através de alguns romances históricos que atestam para a ideia de construção de uma identidade nacional.

O romance *Xicoténcatl*³ (1826), de escritor anônimo, é um exemplo, pois apresenta Malinche como uma personagem antagonista que é corrompida pelo homem branco e serve a seus interesses, e na obra *El laberinto de la soledad* (1950) escrita por Octavio Paz, com um capítulo intitulado “*Los hijos de la Malinche*”, que aborda a questão da construção da identidade do México e sua relação com essa personagem, que é tida segundo o autor, como a “Eva mexicana”, um traidora que prefere o espanhol. Na nova releitura que se dá a essa personagem, ela é tida como símbolo de traição por ter “auxiliado” os espanhóis a conquistarem o império asteca, contribuindo para a colonização, baseada na exploração, genocídio e aculturação dos povos indígenas. Algumas dessas narrativas fundacionais colocam Malinche como a principal responsável pela queda do império asteca e dominação espanhola.

³ Para mais ler: GONZÁLEZ, Leila S. P e FLECK, Gilmei F. La Malinche em Xicoténcatl (1826) e na história: o imaginário coletivo mexicano em configurações confrontadas. **Revista Crioula**, nº 19 - 1º semestre/2017, p. 115-132.

No México dos dias atuais, o discurso que ainda se propaga é o de Malinche como uma traidora. Porém, ao mesmo tempo surgem narrativas que contestam essa visão preconceituosa, como é o caso do conto *La culpa es de los tlaxcaltecas* (1987) da escritora mexicana Elena Garro; do poema de Claribel Alegria *La Malinche* (1993) e até mesmo do romance *Malinche* (2006) de Laura Esquivel.

Diante do exposto, a escritora mexicana Laura Esquivel, conhecida mundialmente por seu livro *Como água para Chocolate* (1989), reescreve a história da personagem Malinche no contexto da conquista do México, a partir do olhar feminino e da margem, tendo como protagonista a índia “traidora” Malinalli/Malinche. Nesse sentido, a obra problematiza os discursos oficiais e, possibilitando a voz dos marginalizados e a consciência crítica a respeito da narrativização histórica.

Este trabalho tem como objetivo geral refletir como na escritura do romance *Malinche*, Laura Esquivel desmascara os mitos criados em relação a essa personagem ao longo da história e sobre os quais se construiu a ideia de “nação” no México.

Arelados ao objetivo geral traçamos alguns objetivos específicos, com a finalidade de detalhar melhor a pesquisa. Assim, propomo-nos também a:

- Apresentar a personagem Malinche, a partir da ótica dos cronistas: Hernán Cortés, Francisco López de Gómara e Bernal Díaz del Castillo, identificando a maneira como a personagem foi historicamente representada;
- Compreender as ideias de nação enquanto “comunidade imaginada” e de “romance de fundação” e como esses discursos influenciam a construção da identidade pós-colonial de Malinche;
- Analisar a obra *Malinche* de Laura Esquivel, com vistas a um possível discurso de “anti-fundação”.

Esquivel (2006) ao trazer á tona uma nova perspectiva a respeito de Malinche, retrata pontos de vista que ferem a ideologia masculina dominante, pois busca na mulher um protagonismo que lhe foi negado e uma voz que foi silenciada. A partir dessa figura percebemos que a autora acaba por revelar um possível discurso anti-fundacional. Logo, entendemos que propõe um olhar diferenciado sobre essa personagem histórica, trazendo à tona questões de gênero e etnia e sua direta relação com a constituição da ideia de nação, assim como da identidade dessa “comunidade imaginada”, que também é via de exclusão e marginalização de tantos outros.

É válido ressaltar que para que possamos identificar ou mesmo analisar um possível discurso de “anti-fundação” na obra de Esquivel, faz-se necessário compreender qual a

perspectiva de nação adotada ao longo dos séculos e como ela influenciou na criação e independência das colônias americanas. Desse modo, pautamo-nos, principalmente, na perspectiva defendida por Benedict Anderson (1993) em seu livro “*Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*” e estabelecemos um contraponto com *Malinche*, a partir de três perspectivas básicas: a do narrador, a da personagem e a da problematização dos processos narrativos.

Como uma possível hipótese, o trato da personagem Malinche em seu livro é uma tentativa de rever preconceitos e estereótipos criados para uma personagem que, como muito outros personagens durante a conquista, obedeceu ordens e buscou sobreviver em um território hostil, não percebendo (e isso não quer dizer que precisasse perceber algo) as possíveis consequências de suas ações para a conquista e colonização dos povos indígenas. Além disso, como modo de reflexão, a autora também atesta para o fato de que a história e a literatura devem e precisam ser um lugar onde as múltiplas vozes sejam aceitas, vistas e ouvidas.

Diante dessas considerações preliminares, vale destacar como este trabalho está dividido. Portanto, quanto à organização temos um primeiro capítulo dedicado à análise de três crônicas que tratam da Conquista do México escritas por Hernán Cortes, Bernal Díaz del Castillo e Francisco López de Gomara com a finalidade de identificarmos a maneira como a personagem Malinche é historicamente representada e apresentada. Baseamo-nos nas seguintes perguntas: Que Malinche é essa que chega até nós pelas Crônicas Indianas? Qual o perfil traçado ou a imagem que é construída de Malinche no contexto no qual as narrativas foram escritas? Tendo como aporte teórico Mercedes Serna (2007) e José (2016).

No segundo capítulo, refletiremos sobre os conceitos de nação, nacionalismo e construção de uma identidade mexicana. Para tanto, teremos como principal suporte teórico os autores: Walter Mignolo (2007), que analisa como se deu a construção da “Ideia de América latina”, Benedict Anderson (1993) “*Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y difusión del nacionalismo*” e Doris Sommer (2005) com seu livro: “*Ficciones Fundacionales: las novelas nacionales de América Latina*”.

O capítulo terceiro será dedicado à análise do romance *Malinche*, de Laura Esquivel, observando os elementos que convergem e divergem dos discursos colonialistas e nacionalistas, e também buscando refletir sobre a releitura que a autora faz dessa personagem que atesta para o lado anti-fundacional da obra.

Apesar de vivermos no auge dos discursos pós-modernos sobre igualdade de gênero e respeito à diversidade, ainda há muito que se construir e derribar. Nós, ainda sofremos nas

mãos do patriarcado e de uma sociedade que ainda silencia, maltrata e abusa das mulheres. Nisso, a importância de sermos foco de resistência, assim como Malinche foi e Laura Esquivel o é, ao reescrever a “história oficial” evidenciando que a história não é uma via de mão única, mas um espaço que pode comportar o múltiplo.

A pertinência desta investigação justifica-se porque ao analisarmos o passado e seus discursos desde uma ótica problematizadora, ou seja, a partir de uma visão contemporânea baseada nos estudos culturais e de gênero, é possível também questionar certas “verdades históricas” e, desse modo, refletir e fazer do presente uma via para a multiplicidade de culturas, gêneros e vozes.

1. MALINCHE E SUA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA ATRAVÉS DOS OLHARES DOS CRONISTAS

1.1 HERNÁN CORTÉS

Hernán Cortés é um dos personagens histórico mais citado durante a época da conquista do Novo Mundo pelos espanhóis, mas antes de sê-lo por outros, o próprio Cortés se dedica a escrever suas vivências e feitos de conquista. Nascido em Medellín, na Espanha, em 1485, além de conquistador, foi também o relator de suas ações no continente “recém-descoberto”, visão esta dos espanhóis, como afirma Mignolo (2007, p. 28): “América nunca fue un continente que hubiese que descubrir sino una *invención* forjada durante el proceso de la historia colonial europea y la consolidación y expansión de las ideas e instituciones occidentales”.

Cortés escreveu cinco cartas durante o período que vai de 1519 a 1526, todas elas destinadas ao imperador da Espanha Carlos V. Nelas, ele relata episódios que decorreram de suas expedições dirigidas ao México (guerras e alianças estabelecidas com os indígenas, rebeliões e desgastes dos soldados espanhóis) até o encontro e posterior conquista de Tenochtitlán, império asteca governado por Moctezuma.

Neste tópico nos centramos na segunda carta de relação de Hernán Cortés, datada em 30 de outubro de 1520. A escolha desta carta ocorre, principalmente, por ela narrar alguns dos principais eventos da conquista: enfrentamentos e alianças dos espanhóis e indígenas liderados por Cortés; a batalha em Cholula; a chegada a Tenochtitlán e o encontro com Moctezuma, assim como, a conquista desse reino indígena, nos quais a presença de Malinche foi indispensável.

A crônica de Hernán Cortés é construída fundamentalmente em primeira pessoa, ainda que, em poucos momentos, ele insira no relato a voz de outros personagens, como é o caso do primeiro encontro entre ele e Moctezuma. Cortés desde o início das crônicas evidencia o propósito de sua expedição, que era sujeitar o imperador asteca: “preso o muerto, o súbdito a la corona real” (SERNA, 2007, p. 213).

A segunda carta escrita por Cortés tem por objetivo principal narrar como se deu a conquista do México após sua ruptura com Diego Velásquez, então governador de Cuba. Cortés parte com suas tropas pelas terras americanas em busca de um reino que diante da sua grandiosidade e riqueza é objeto a ser conquistado. Durante a sua empreitada, ele se depara com diversas tribos e povos indígenas que povoavam as terras e que possuíam línguas e

culturas diversas. No primeiro momento da narrativa, o autor não demonstra qualquer empecilho quanto à comunicação.

Apesar de sua escrita não revelar inicialmente a necessidade de um mediador linguístico entre os espanhóis e os indígenas, Cortés não descarta essa possibilidade. Assim, de acordo com Todorov, “A primeira ação importante que executa – a significação desse gesto é incalculável – é procurar um intérprete” (TODOROV, 2010, p. 143). É nesse contexto que Malinche surge na crônica de Cortés como intérprete, tradutora e mensageira, responsável pela comunicação entre dois mundos, o dos espanhóis e o dos indígenas.

O primeiro episódio que trata do encontro e da necessidade do uso de “*lenguas*” para concretizar a comunicação na Segunda Carta é justamente um momento de confronto, de enfrentamento com os indígenas:

Y yo les comencé a hacer mis requerimientos en forma con las lenguas que conmigo llevaba por ante escribano, y cuanto más me paraba a los amonestar y requerir con la paz tanto más priesa nos daban ofendiéndonos cuanto ellos podían. Y viendo que no aprovechaban requerimientos ni protestaciones, comenzamos a nos defender como podíamos, y así nos llevaron peleando hasta nos meter entre más de cien mil hombres de pelea que por todas partes nos tenían cercados (CORTÉS, 2007, p. 222 – destaque nosso).

“*Las lenguas*” é o termo usado pela maioria dos cronistas para caracterizar o ofício do intérprete. Em seus escritos, Cortés demonstra o pouco interesse em revelar quem são seus intérpretes, especialmente, Malinche. Usamos aqui o substantivo Malinche para nos referirmos à índia tradutora/intérprete, termo usado na atualidade para mencionar ela e sua atuação.

José (2016, p. 125) considera que as diferentes denominações da indígena intérprete se deviam ao lugar que ocupava aquele que a ela remetia. Malinalli é considerado seu nome original, provindo do idioma náhuatl. Os espanhóis, por sua vez, a batizaram de *Marina*, e é este o nome que aparece na maioria das crônicas da conquista. *Malintzin* era o nome usado pelos nativos mexicanos remetendo, segundo o próprio Díaz del Castillo, ao passado nobre de Malinche. A autora ainda esclarece que o uso do substantivo “Malinche” se deu “em decorrência da incompreensão fonética por parte dos espanhóis, que trocaram o som do ‘tzin’ pela ‘ch’ espanhola”.

Para Cortés, Malinche é apenas objeto, instrumento para a concretização de seus objetivos. Talvez por isso, Cortés prive-se de nomeá-la em seus relatos. E nesse sentido apenas cita, muito vagamente, sua atuação junto a Jerónimo Aguilar (outro intérprete) durante os episódios que se sucederam até a conquista.

Apesar do ofuscamento da atuação de Malinche junto a Cortés em suas cartas, as ações dessa indígena não deixam de ser percebidas e citadas. Ao descobrir uma emboscada que os nativos estavam preparando para os espanhóis, na cidade de Cholula, ela não se cala e revela a intencionalidade dos índios, o que dá possibilidade a Cortés e a seus homens de se prepararem para o enfrentamento, o que lhes rende a posterior vitória contra esse povo.

En tres días que allí estuve proveyeron muy mal y cada día peor, y muy pocas veces me venían a ver ni hablar los señores y personas principales de la ciudad. Y estando algo perplejo en esto, a la lengua que yo tengo, que es una india de esta tierra que hube Putonchán, que es el rio grande de que ya en la primera relación a Vuestra Majestad hice memoria, le dijo otra natural de esta ciudad cómo muy cerquita de allí estaba mucha gente de Moctezuma junta, y que los de la ciudad tenían fuera sus mujeres e hijos y toda su ropa y que habían de dar sobre nosotros para nos matar a todos, y si ella se quería salvar que se fuese con ella, que la guarescería. “La cual lo dijo a aquel Jerónimo de Aguilar, lengua que yo hube en Yucatán, de que así mismo a Vuestra Alteza hube escrito, y me lo hizo saber” (CORTÉS, 2007, p. 234 – destaque nosso).

É nesse momento que o protagonismo da personagem é revelado. Até então, Cortés não havia citado uma única vez a presença de uma mulher em suas crônicas, muito menos a de uma indígena que exercia a função de *lengua*. Porém, Malinche se impõe à realidade e aos escritos egocêntricos de Cortés, o mesmo que sempre se esforçou para obscurecer qualquer protagonismo que não fosse o seu, vê-se obrigado a relatar uma conquista que só foi possível por intermédio dessa mulher, evidenciando sua indispensável atuação. Cortés faz questão de evidenciar a condição de escrava a que ela estava sujeita, não sendo dona de si, mas pertencente ao outro e como tal, privada de liberdade e submetida aos desejos do seu senhor.

Para um leitor pouco atento, que tome esta carta de relação como fonte principal, as informações são escassas diante da importância que Malinche representa para esse período. Assim, Cortés cita apenas a ajuda de uma “lengua” que era uma “índia de esta tierra”. A forma que trata de introduzir essa personagem é a mais supérflua possível, não há qualquer tentativa de individualização, não a nomina, diferentemente de Jerónimo Aguilar, outro intérprete, que Cortés não deixa de citá-lo diretamente.

Podemos problematizar esse argumento: Por que Jerónimo Aguilar ganha destaque nesta passagem mesmo exercendo um papel pouco relevante, diferentemente de Malinche? Aguilar é citado pelo simples fato de ser um homem, branco europeu. Refletir sobre isso é levar em consideração que os discursos historiográficos não são imparciais. Pelo contrário, a história, principalmente a Latino-americana, foi construída por um grupo muito restrito de pessoas que detinham o poder em suas múltiplas manifestações, inclusive o da palavra escrita, eram eles: homens, heterossexuais, europeus e de classe alta. Linda Hutcheon (1991, p. 250)

afirma que “quem está no poder controla a história”, desse modo, uma mulher, indígena e escrava está longe de ser considerada relevante para as crônicas indianas de descobrimento e conquista, porque é uma personagem marginal.

Outro episódio para análise trata-se do encontro de Cortés e Moctezuma. Em seu relato, não há qualquer sombra ou referência a uma possível intérprete que pudesse possibilitar o diálogo entre ele e o imperador asteca. Cortés não relata nenhum mediador, nem Jerónimo Aguilar e muito menos Malinche, o conquistador e cronista narra um diálogo direto entre ele e Moctezuma: “Y después de me haber él hablado, vinieron asimismo a me hablar todos los otros señores que iban en las dos procesiones, en orden de uno en pos de otro, y luego se tornaban a su procesión. Y al tiempo que yo llegué a hablar al dicho Moctezuma” (CORTÉS, 2007, p. 246 – destaque nosso).

O conquistador, tomado pela sede de riqueza e reconhecimento frente à coroa espanhola, é extremamente egocêntrico em seu relato. Desse modo, nega e alimenta um discurso mascarado a respeito da conquista, discurso esse que se nutre, principalmente, de omissões em relação aos atores envolvidos: soldados, indígenas e mulheres. De maneira inversa, evidencia em grau superlativo a sua figura e seus supostos feitos, garantindo para si um status de herói absoluto, único responsável pela queda do império asteca. Posição esta controversa, pois qualquer diálogo entre Cortés e indígenas é inviável sem o auxílio de um intérprete, e no seu caso, de Malinche.

Cortés é o único protagonista em suas cartas, os outros personagens da história pouco aparecem, são personagens secundários, opacos, beirando a invisibilidade. Nos episódios que seguem à prisão de Moctezuma, sua morte, guerra e conflitos com os naturais, conspirações e alianças com indígenas, “La noche triste” e a tomada de Tenochtitlán, no transcurso de aproximadamente dois anos, entre 1519 a 1521, Cortés cita apenas três vezes a atuação de suas “lenguas” (CORTÉS, 2007, p. 269, p. 311) e em nenhuma dessas deixa transparecer que seja uma índia intérprete.

De todas as cinco cartas que Cortés escreve, apenas na quinta ele cita Malinche diretamente. De acordo com o mesmo:

Yo le respondí que el capitán que los de Tabasco le dijeron que había pasado por su tierra con quien habían peleado era yo, y para que creyese ser verdad, que se informase de aquella lengua que con él hablaba - que es Marina, la que yo conmigo siempre he traído - porque allí me la habían dado con otras veinte mujeres. Y ella le habló y le certificó dello y cómo yo había ganado a

México, y le dijo todas las tierras que yo tengo sujetas y puestas debajo del imperio de Vuestra Majestad (CORTÉS, ?, p. 289⁴).

Desse modo, se por um lado nessa passagem há certa individualização da personagem Malinche, por outro, Cortés, ao falar com aos índios de Tabasco, busca dar credibilidade para seus feitos. E para isso, utiliza da influência de Malinche para com os indígenas, usa-a como uma espécie de “testemunho ocular” para conferir veracidade as suas ações. Para os autóctones, apenas a afirmação do conquistador não confere autoridade, assim, além de estar ao lado do conquistador, Malinche precisa testemunhar a seu favor para que de fato os indígenas possam acreditar na veracidade de seu discurso.

Fica evidente que a intenção de Cortés era apenas utilizar Malinche em benefício próprio, ora silenciando, ora evidenciando sua figura para obter favor dos indígenas. Malinche para Cortés converteu-se em objeto para “conquistas”, é voz silenciada, carente de subjetividade e liberdade, instrumento da ambição de seu amo.

1.2 BERNAL DÍAZ DEL CASTILLO

O autor, Bernal Díaz del Castillo, foi um soldado que participou junto tantos outros da Conquista do México. Nasceu em Medina Del Campo, na Espanha, no ano de 1492. Como soldado, foi fiel a Cortés. Sua crônica *Historia Verdadera de la Conquista de Nueva España* é um dos mais célebres textos desse período. Este relato é uma escrita tardia se relacionarmos com o momento narrado historicamente, pois o autor leva cerca de trinta anos para escrevê-la, iniciando-a em 1545 e somente enviando à Espanha em 1675, sua publicação, por sua vez, foi apenas em 1632.

Díaz del Castillo protesta contra o esquecimento, como tantos outros soldados que tinham sido calados e encobertos durante a época da conquista. E ao fazê-lo traz à tona outros atores, como é o caso de Malinche que é citada diversas vezes em sua crônica. Apesar de se considerar iletrado diante dos escritos e escritores da época, o autor defende sua tarefa enquanto escritor, que descentraliza a narrativa de conquista das mãos elitizadas dos “heróis” conquistadores e dos cronistas oficiais.

Para Serna (2007, p. 337)

[...] el relato de Bernal es el de un hombre que quiere democratizar la historia, que no accedan a ésta sólo los héroes sino también los soldados. Bernal cambia la concepción historiográfica al escribir la historia no de capitanes o de emperadores sino de soldados.

⁴⁴ Disponível em: <https://freeditorial.com/es/books/cartas-de-relacion> Acesso: 17/03/2017

Díaz del Castillo escreve para lembrar e ser lembrado e, com esse intuito, acaba por revelar um lado pouco conhecido até então, o lado dos coadjuvantes, essa ação se mostra relevante, porque ao buscar certo protagonismo de personagens que antes eram apenas sombra na história, revela pessoas que foram apagadas por interesses particulares daqueles que estavam à frente da conquista.

Mercedes Serna (2007) afirma que a intenção de Bernal Díaz era evidenciar a história apagada dos soldados e não de qualquer ser marginalizado. Desse modo, a história continua sendo sujeita ao olhar masculino e eurocêntrico.

A *Historia Verdadera de la Conquista de Nueva España* é dividida em dois tomos. No que se refere à Malinche, na primeira parte, Bernal Díaz é atraído pela história dessa indígena e relata diversos aspectos de sua origem, vida e atuação junto aos espanhóis durante os anos que sucederam a conquista.

Em sua crônica, o autor a chama de *Doña Marina*, demarcando seu nome de batismo após a conversão e indicando, assim, sua sujeição ao catolicismo. Quando é tomada como escrava pelos espanhóis seu nome original é apagado. Além disso, sujeita a seus novos donos, devia negar suas crenças indígenas e cultuar a um novo deus, aprendendo também uma nova língua. Mignolo (2007) sugere que a colonização, além do controle dos corpos, implicou em uma “colonización del ser”, no qual a história, culturas, línguas e toda sorte de manifestação intrinsecamente indígena foram combatidas e silenciadas, a saber, como implicação dessa conduta os povos autóctones deixaram de fazer parte da história, que agora estava sendo escrita e narrada pelos espanhóis.

Como a escrita de Díaz del Castillo é relativamente tardia às ações e feitos realizados, não há uma ordem cronológica exata. Assim, por vezes, o escritor revela características e fatos que são relevantes, mas que não condizem cronologicamente com o acontecido. Desse modo, além de narrar, o autor comenta, rememora, justifica, enfatiza algo que considera relevante para o transcurso da sua escrita.

Serna considera que

Bernal no escribe por causas políticas ni literarias, sino estrictamente personales. Parte de los recuerdos evocaciones y, por tanto, su estilo de memorialista le hará subjetivo y parcial. Escribe por vanidad – él se considera un soldado destacado, valiente y fiel-, escribe para rectificar la historia, para sus compañeros, sus hijos y sus descendientes (SERNA, 2007, p. 85).

A autora disserta que a crônica de Bernal é a que mais se distancia dos modelos literários vigentes, pois sua obra se destaca por conter elementos da historiografia popular, da

oralidade e da expressão da mestiçagem. Desse modo, o autor evoca, em seu relato, diversos tipos de narrativas como os poemas épicos e os romances de cavalaria. Além disso, não se propõe a documentar apenas, ele narra o que viveu, evidenciando em sua crônica uma série de trechos ficcionais e produtos da criação memorialística.

A primeira referência à Malinche na crônica de Bernal se encontra no capítulo 36, quando as tropas espanholas e Cortés estavam investigando o reino de Tenochtitlán e buscando obter alianças com os indígenas da região, que estavam submetidos aos astecas. É nesse momento, na província de Tabasco, na costa do golfo do México, que Malinche é dada juntamente com outras dezenove mulheres a Cortés. Essa prática era comum entre os povos indígenas da região, que, após perderem uma batalha, ofertavam aos vencedores escravos e mulheres. O autor ressalta as características de Malinche como “*muy excelente mujer*” (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 98) uma alusão aos dotes físicos da indígena.

[...] y luego se bautizaron, y se puso por nombre Doña Marina aquella India y señora que allí nos dieron, y verdaderamente era gran Cacica, e hija de grandes Caciques, y señora de vasallos, y bien se le parecía en su persona; [...] Y Cortés las repartió a cada Capitán la suya, y a esta Doña Marina, como era de buen parecer y entremetida y desenvuelta, dio a Alonso Hernández Puertocarrero, que ya he dicho otra vez, que era muy buen Caballero, primo del Conde de Medellín: y desde que fue a Castilla el Puertocarrero, estuvo la Doña Marina con Cortés, y de ella hubo un hijo, que se dijo Don Martin Cortés, que el tiempo andando fue Comendador de Santiago (DÍAZ DEL CASTILLO, 2007, p. 358-359 – destaque nosso).

O autor evidencia uma possível origem nobre de Malinche, mas o foco de sua narrativa se centra nos aspectos físicos e na sua personalidade. Desse modo, ela é uma mulher bonita, desenvolta, capaz de lidar e se relacionar com as diferentes pessoas e grupos. Todos esses traços refletem, inevitavelmente, o olhar do conquistador sobre sua posse. Os dotes físicos e a aparência dela são descritos. Malinche é mulher indígena e escrava e como tal, recebe o mesmo destino das outras mulheres índias em poder dos espanhóis, deve sujeitar-se a seu amo, tanto nos afazeres domésticos como para atender aos seus desejos sexuais.

A realidade para uma mulher índia nas mãos dos espanhóis é bem cruel, elas são convertidas em objetos sexuais, sendo estupradas, subalternizadas e submetidas a todo tipo de violência que perpassa os corpos e se impõe também através da língua e dos discursos. Dessa forma, mais do que ser a tradutora, Malinche serve a outros interesses do conquistador, torna-se uma propriedade, e na condição de escrava atende as imposições de seu jugo, a sua função como “língua” era apenas uma espécie de “bônus” para Cortés, um adendo daquilo que era previamente estabelecido para essas mulheres na época.

Além de citar com certa frequência Malinche durante sua crônica, Bernal Díaz dedica um capítulo exclusivo em alusão a ela intitulado: “Como Doña Marina era Cacica e hija de grandes señores, y señora de pueblos y vasallos, y de la manera que fue traída a Tabasco”. Nele, além de reafirmar sua linhagem nobre, o autor relata a sua possível origem “que su padre y su madre eran Señores y Caciques de un pueblo que se dice Painala” (DÍAZ DEL CASTILLO, 2007, p. 361-362). O autor acrescenta:

[...] y murió el padre quedando muy niña, y la madre se casó con otro Cacique mancebo y hubieron un hijo, y según pareció, querían bien al hijo que habían habido; acordaron entre el padre y la madre de dalle el cargo después de sus días, y porque en ello no hubiese estorbo, dieron de noche la niña a unos Indios de Xicalango, porque no fuese vista, y; echaron fama que se había muerto, y en aquella sazón murió una hija de una India esclava suya, y publicaron, que era la heredera; por manera que los de Xicalango la dieron á los de Tabasco, y los de Tabasco á Cortés (DÍAZ DEL CASTILLO, 2007, p. 362).

De filha de nobres indígenas, passa à condição de escrava, situação que é anterior à chegada dos espanhóis. Nesse sentido, Malinche perde qualquer referência a seu povo de origem, passa a não mais existir. Torna-se órfã e por imposição dos seus familiares assume uma nova identidade. De uma indígena com uma posição de prestígio, passa a ser escrava de um povo desconhecido. Malinche assim representada é produto, objeto de troca, tanto de indígenas quanto dos espanhóis. O autor em outro fragmento menciona:

[...] y que Dios le había hecho mucha merced en quitarla de adorar ídolos ahora, y ser Cristiana, y tener un hijo de su amo y señor Cortés, y ser casada con un Caballero como era su marido Juan Jaramillo, que aunque la hicieran Cacica de todas cuantas Provincias había en la Nueva España, no lo sería, que en más tenía servir a su marido o a Cortés, que cuanto en el mundo hay: y todo esto que digo, se lo oí muy certificadamente, y se lo juró, amén (DÍAZ DEL CASTILLO, 2007, p. 363 – destaque nosso).

Nessa passagem, é escancarada uma lógica chamada por Walter Mignolo (2007) de “retórica de la modernidad”, uma crença que se estabeleceu desde o século XVI e que tem sido a justificativa dada pelos espanhóis para o descobrimento e a conquista dos povos autóctones. Há um discurso que promete a salvação, a redenção dos povos índios que estavam à mercê de ídolos pagãos e condenados ao sofrimento eterno e que emascara a exploração, apropriação de terras, genocídio e escravização dos povos índios na América. Assim, os discursos historiográficos em favor da vida e da salvação são um mecanismo de apagamento, detrimento e desvalorização da vida humana indígena em suas múltiplas manifestações.

Mignolo (2007) ainda esclarece que esses discursos estão imersos em uma “lógica de la colonialidad” que é responsável pela criação do racismo, pelo controle do gênero e da sexualidade. Desse modo, o pronome “su”, na citação anterior, repetido com veemência por Díaz del Castillo, indica uma relação de poder, na qual há um possuidor e também uma coisa possuída.

O feminino é, no discurso masculino, eurocêntrico e colonialista, objeto sexual e como indígena é também alvo de colonização. Além desses tipos de controle, há ainda, segundo o autor o econômico, ou seja, a apropriação das terras, exploração de mão-de-obra, controle das finanças e o político. Isto é, o controle da autoridade, outras formas de dominação que marcam a chegada dos europeus na América e o consequente genocídio e exploração dos povos autóctones.

Em outra ocasião, Bernal Díaz se remete a Malinche como “excelente mujer”. É válido pensar a dupla significação desta frase. Em um contexto isolado, o adjetivo – excelente – denota, entre outras coisas, algo que é de ótima qualidade. Agora, se considerarmos que ele caracteriza a Malinche, a expressão ganha uma nova densidade, não é algo que é de ótima qualidade, mas, alguém. A expressão, portanto, remonta aos aspectos físicos da indígena. Isso é evidenciado em outro fragmento quando o cronista expõe: “por ser excelente mujer y buena lengua [...] a esta causa la traía siempre Cortés consigo” (DÍAZ DEL CASTILLO, 2007, p. 362). A condição de mulher se sobrepõe a sua função de “lengua”.

Malinche não foi o primeiro nativo a servir de intérprete, em outros momentos, indígenas foram escravizados e caso possuíssem o domínio de mais de uma língua eram forçados a traduzir. Assim, esses indígenas não tinham qualquer compromisso com a fidelidade da tradução, ao invés de mediadores do diálogo entre os dois povos, por vezes, buscavam retardar o avanço dos espanhóis, manipulando as mensagens, confundindo-os e induzindo-os ao erro. Segundo a autora José:

O quadro muda, contudo, quando Malinche entra em cena como “excelente e boa língua”, segundo o próprio Bernal Díaz, traduzindo as palavras e possibilitando a comunicação. São impressões como essa de Bernal Díaz que nos que levam a questionar: como os cronistas justificam o fato de Malinche ter decidido atuar ao lado dos conquistadores se grande parte dos indígenas agiram, segundo a opinião desses narradores, de outro modo? (JOSÉ, 2016, p. 108).

Bernal Díaz em sua crônica deixa transparecer três aspectos que podem justificar essa “atuação ao lado dos conquistadores”. A primeira refere-se ao fato de ela ter se tornado cristã e possuir um relacionamento com Cortés, o que acarretou na concepção de um filho do

conquistador. Em segundo lugar, pelo fato de Malinche não ser um membro da comunidade indígena, pois também era escrava desse povo. Em terceiro, o autor considera que a Malinche, mesmo como escrava dos espanhóis, possuía certa autoridade com os indígenas: “[...] la Doña Marina tenía mucho ser, y mandaba absolutamente entre los indios en toda la Nueva España” (DÍAZ DEL CASTILLO, 2007, p. 362), aspecto que lhe foi negado, considerando sua origem nobre.

A primeira ideia a ser questionada é em relação à noção de livre arbítrio que Bernal procura forjar, Malinche estava sob o domínio espanhol e, por isso, é escrava e propriedade de Cortés. Diante dessa condição, qual opção teria? Haveria alguma possibilidade ou poder de escolha? Além disso, outras problemáticas vêm à tona: Mesmo que Malinche estivesse realmente a favor dos espanhóis, qual a sua verdadeira relação com os indígenas? É válido utilizar a alcunha de traidora quando ela também foi escravizada pelos indígenas? Bernal é o cronista que mais dá informações sobre Malinche, sua origem, seu casamento, sua relação com Cortés e seu papel como intérprete. No entanto, a sua crônica é a que mais se aproxima da ficcionalidade. Seu texto é um complexo que contém características autobiográficas, e é repleto de alusões, referências e inserções. Além disso, Bernal apresenta uma grande obsessão em corrigir a crônica escrita por Francisco López de Gómara e afirma que, como uma testemunha de vista, tem maior autonomia para falar da conquista, apesar de fazê-lo muitos anos após este acontecimento, baseando-se por vezes em uma memória nostálgica e fantasiosa.

De acordo com o narrador, Malinche era fluente em três línguas, a materna, o náhuatl, língua dos astecas, a língua maia quando se tornou escrava desses indígenas e, posteriormente, aprende o espanhol. O domínio desses idiomas por Malinche é parte essencial para a conquista. Ao final do capítulo em questão, o cronista afirma: “He querido declarar esto porque sin ir Doña Marina no podíamos entender la lengua de la Nueva España y México (2007, p. 363). A peça-chave da conquista foi a capacidade de Malinche dominar as diversas línguas e poder mediar a comunicação, através também de um saber intercultural. Cortés se apropria e se beneficia disso, pois passa a compreender diversos aspectos da vida social, política e religiosa dos nativos, munindo-se dos subsídios necessários à conquista.

Na segunda parte de sua crônica, Bernal Díaz segue revelando a presença de Malinche em diferentes contextos. Dois episódios particulares merecem atenção: o primeiro, da guerra em Cholula e o segundo, do encontro entre Cortés e Moctecuma. Nesses relatos, a figura da indígena é destacada, diferentemente do exposto por Hernán Cortés em sua crônica. De acordo com o autor,

Cómo tenían concertado en esta ciudad de Cholula de nos matar por mandado de Moctezuma, y lo que sobre ello pasó [...], y la Doña Marina fue, y les habló de tal manera, que lo sabía muy bien hacer, y con dádivas vinieren luego con ella” [...] (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 17).

Nessa citação, é possível identificar um discurso que exalta a desenvoltura da indígena. Desse modo, constrói-se uma ideia assentada na palavra, ou em uma “lengua” que busca persuadir e que está submetida a quem serve, convencendo em favor dos espanhóis.

Ainda em Cholula, Malinche torna-se a protagonista da narrativa de Bernal e nesse ambiente ela não está servindo ao conquistador, porque não desempenha diretamente o papel de “lengua”. Uma índia velha, sabendo da emboscada que os índios estavam planejando contra os espanhóis, convida Malinche para fugir e se proteger com ela. Na passagem, Bernal Díaz dá voz à personagem através do discurso direto, algo pouco comum nas narrativas cronísticas. Vejamos:

Y como lo entendió la Doña Marina, y en todo era muy avisada, le dijo: ¡Oh madre, que mucho tengo que agradeceros eso que me decís! Yo me fuera ahora, sino que no tengo de quien fiarme para llevar mis mantas y joyas de oro, que es mucho [...], y quedóse con ella platicando, y le preguntó, que de qué manera nos habían de matar, y cómo y cuándo se hizo el concierto: y la vieja se lo dijo ni más ni menos que lo habían dicho los dos Papas: y respondió la Doña Marina: pues ¿cómo siendo tan secreto ese negocio, lo alcanzaste vos a saber? [...], y la Doña Marina como lo oyó, disimuló con la vieja, y dijo: ¡Oh, cuánto me huelgo en saber que vuestro hijo, con quien me queréis casar, es persona principal! Mucho hemos estado hablando, no querría que nos sintiesen, por eso madre aguardad aquí, comenzaré a traer mi hacienda, porque no lo podré sacar todo junto, y vos y vuestro hijo mi hermano lo guardaréis, y luego nos podremos ir y la vieja todo se lo creía, y sentóse de reposo la vieja, ella y su hijo, y la Doña Marina entra de presto donde estaba el Capitán Cortés, y le dice todo lo que pasó con la India: la cual luego la mandó traer ante él, y le tornó a preguntar sobre las traiciones y conciertos. (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 19 - 20 – destaque nosso)

Esse discurso evidencia a astúcia e perspicácia de Malinche, que diante do acesso à informação privilegiada, age com o objetivo de obter conteúdo fiável. E quando o obtém, não omite ou foge, ao invés disso, delata. Suas ações são retratadas de forma favorável pelo conquistador ao denunciar os planos dos nativos contra Cortés e dar os subsídios necessários para que os espanhóis se preparem e se organizem para o confronto. No entanto, deixa transparecer que Malinche age por si mesma em contato com os indígenas e, nesse contexto, manipula, mente e engana.

Posteriormente, narra-se a chegada dos espanhóis e aliados a Tenochtitlán (cidade sede do império asteca e a maior de todo o território descoberto até então) e o primeiro encontro entre Cortés e Moctezuma. Na II carta de Cortés, não há qualquer referência à figura dos

intérpretes, muito menos à Malinche. Por sua vez, Bernal Díaz não nega sua atuação, o cronista apresenta em detalhes o encontro:

Y como Cortés vio, y entendió, y le dijeron que venía el gran Moctezuma, se apeó del caballo, y desde que llegó cerca de Moctezuma, a una se hicieron grandes acatos; el Moctezuma le dio el bien venido, y nuestro Cortés le respondió con Doña Marina, que él fuese el muy bien estado. Y paréceme que el Cortés con la lengua Doña Marina, que iba junto a Cortés, le daba la mano derecha, y el Moctezuma no la quiso, y se la dio a Cortés [...], y luego Cortés con la lengua Doña Marina le dijo, que holgaba ahora su corazón en haber visto un tan gran Príncipe (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 42)

Malinche aparece como uma espécie de braço direito de Cortés e é a quem recorre Moctezuma. Grande autoridade da época entre os astecas, o qual apresentava comportamentos peculiares e certas regras de conduta para todos os que com ele se relacionavam. Uma das condutas mais observadas pelos cronistas é a de que os demais líderes e serviçais não olhavam para ele nos olhos. Malinche nessa ocasião fala diretamente com o imperador, e é ponte que possibilita o encontro entre dois mundos. José (2016, p. 122) afirma que

Uma tópica do discurso cronísticos é afirmar que as negociações realizadas com os nativos contaram com esse efetivo jogo de palavras pronunciadas por Cortés e transmitidas por Malinche. Era ela quem tornava inteligível as mensagens relatadas pelo conquistador e se esforçava para traduzir esse universo cultural completamente estranho aos indígenas locais. Afinal, pouco sentido teriam tais mensagens se não fossem transpostas para o entendimento possível dos mexicanos.

José Ortega y Gasset (1970), em seu texto “Miseria y esplendor de la traducción” assinala o quão paradoxal e, ao mesmo tempo, utópico é o ato de traduzir. Nesse sentido, traduzir requer mais do que decodificar palavras, é uma tarefa que envolve a “tradução de pensamentos”. Malinche porta todo o aparato necessário para que a comunicação ocorra, é fluente em náhuatl e espanhol, mas isso não basta. Talvez seja por isso que alguns pesquisadores e críticos afirmem que ela tenha feito mais do que apenas traduzir: “Com efeito não se contenta em traduzir; é evidente que também adota os valores dos espanhóis, e contribui como pode para a realização dos seus objetivos (TODOROV, 2010, p. 144). Essa hipótese, todavia, não é garantia para afirmar que essa figura feminina conhecesse de forma efetiva a cultura e o poder imperial dos espanhóis. Dito de outro modo, ter aprendido o idioma espanhol e estar em constante contato com os conquistadores não lhe possibilita o conhecimento do “outro” em sua plenitude.

De acordo com Ortega y Gasset (1970, p. 37)

Las lenguas nos separan e incomunican, no porque sean, en cuanto lenguas, distintas, sino porque proceden de cuadros mentales diferentes, de sistemas

intelectuales dispares – en última instancia -, de filosofías divergentes. No sólo hablamos en una lengua determinada, sino que pensamos deslizándonos intelectualmente por los carriles preestablecidos a los cuales nos adscribe nuestro destino verbal.

Os conquistadores sabiam da vital necessidade de se estabelecer certo tipo de comunicação com os indígenas, comunicação confiável (para eles) que pudesse servir tanto para fazer alianças, quanto para impor suas regras e condutas aos nativos, de modo a dar os primeiros passos rumo à conquista e à colonização. Malinche, por sua vez, por mais que dominasse os idiomas e fosse a “interprete oficial”, estava envolta em um sistema de signos e símbolos que estavam para além de sua compreensão. Ademais para que uma tradução se efetive há outros fatores que estão diretamente relacionados, o autor considera que a fala e, conseqüentemente, a tradução é composta inclusive de silêncios, indispensáveis para a efetividade da comunicação⁵.

Por fim, na última passagem que consideramos relevante há uma conversa entre Malinche e Moctezuma quando este se encontra cativo dos espanhóis. De acordo com o cronista,

Y como el Juan Velázquez lo decía con voz algo alta y espantosa, porque así era su hablar, y el Moctezuma vio a nuestros Capitanes como enojados, preguntó a Doña Marina, que qué decían con aquellas palabras altas: y como la Doña Marina era muy entendida, le dijo: Señor Moctezuma, lo que yo os aconsejo es, que vais luego con ellos a su aposento sin ruido ninguno, que yo sé que os harán mucha honra, como gran Señor que sois, y de otra manera aquí quedareis muerto, y en su aposento se sabrá la verdad (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 74).

Em vários momentos, as ações da intérprete indígena favorecem os espanhóis, desde a perspectiva cronísticas de Díaz del Castillo. Mas, considerando sua conjuntura, não há como negar que ela também opta por seu próprio lado, é uma escrava que busca uma posição melhor e percebe em Cortés essa possibilidade e se até então servindo ao conquistador ela tinha recebido benefícios e a promessa de liberdade, o mesmo não fora feito pelos indígenas, que desde criança a venderam e escravizaram.

⁵ É utópico considerar que vocábulos que pertencem a idiomas distintos, e que mesmo que algum dicionário dê a tradução semelhante ou idêntica ao outro, possam ter o mesmo valor semântico e referencial para as pessoas que deles compartilhem. Assim, como é utópico e extremamente problemático considerar que a chegada de Cortés ao solo mexicano represente o retorno da figura mítica de Quetzalcoatl (como muitos indígenas creram). Ortega y Gasset (1970, p. 37) afirma: “[...] la efectividad del hablar nos es sólo decir, manifestar, sino que al mismo tiempo, es inexorablemente renunciar a decir, callar, silenciar”.

1.3 FRANCISCO LÓPEZ DE GÓMARA

O último autor aqui considerado em relação ao registro histórico da figura de Malinche nas crônicas de Índias é Francisco López de Gómara. Ele nasceu em Sória, Espanha, em 1511, e faleceu em 1564, no mesmo local. Dentre os cronistas das índias, foi um dos que mais se destacou por sua erudição e espírito humanista. Era um religioso que viveu cerca de sete anos na casa de Hernán Cortés, servindo-o como secretário e capelão. Esses anos serviram para Gómara como uma forma de ele obter insumos informacionais sobre a conquista, inclusive tendo acesso aos escritos e ao próprio Cortés. Assim, Francisco López de Gómara “*toma la pluma*” e escreve a *Historia de la Conquista de México*, entre os anos de 1542 e 1552.

É importante destacar que Gómara como *cronista de oídas* nunca esteve no “Novo Mundo”, em oposição aos dois outros cronistas aqui citados, que participaram ativamente nos episódios da conquista.

De acordo com Walter Mignolo (2002, p. 81- 82), o objetivo da *Historia de la Conquista de México* era “Narrar los hechos notables de una persona para rescatar del olvido la memoria de sus hazañas; estableciendo así la *fama* de la persona historiada”. Desse modo, por estar organizada desde o nascimento até a morte de Hernán Cortés, a crônica se aproxima do que modernamente chamamos de biografia, especificamente as chamadas biografias dos grandes heróis históricos. Nela, Cortés é o grande protagonista e mais uma vez a história é submetida à escrita masculina, eurocêntrica, cristã.

A primeira menção que o autor faz à Malinche está no capítulo XXVI, “Lo que habló Cortés a Teudilli, criado de Moteczuma”. De acordo com o cronista:

Todo esto se había hecho sin lengua, porque Jerónimo de Aguilar no entendía a estos indios, que eran de otro muy diverso lenguaje que no el que sabía; de lo cual Cortés estaba con cuidado y pena, por faltarle faraute para entenderse con aquel gobernador y saber las cosas de aquella tierra; pero luego salió de ella, porque una de aquellas veinte mujeres que le dieron en Potonchán, hablaba con los de aquel gobernador y los entendía muy bien, como a hombres de su propia lengua; así que Cortés la tomó aparte con Aguilar, y le prometió más que libertad si le trataba verdad entre él y aquellos de su tierra, pues los entendía, y él la quería tener por su faraute y secretaria; y allende de esto, le preguntó quién era y de dónde (GÓMARA, 2007, p. 54, destaque nosso).

Os objetivos do conquistador já estavam traçados, e qualquer falha poderia colocar tudo a perder. É nesse contexto que Malinche aparece na crônica de Gómara. Assim, o bom serviço como intérprete e mensageira lhe garantiria a emancipação. Essa tópica aparece

unicamente na crônica de Gómara, e é um possível fato que pode justificar a opção' dela pelos espanhóis. No mais, esse relato está em consonância com os escritos de Bernal Díaz: tem origem nobre e se sobressai por dominar o idioma dos indígenas daquelas terras. No entanto, diverge em outros, como é o caso do seu nascimento:

Marina, que así se llamaba después de cristiana, dijo que era de Xalisco, de un lugar dicho Viluta, hija de ricos padres, y parientes del señor de aquella tierra; y que siendo muchacha la habían hurtado ciertos mercaderes en tiempos de guerra, y traído a vender a la feria de Xicalanco, que es un gran pueblo sobre Cozacualco, no muy aparte de Tabasco; y de allí era venida a poder del señor de Potonchán. Esta Marina y sus compañeras fueron los primeros cristianos bautizados de toda la Nueva-España, y ella sola, con Aguilar, el verdadero intérprete entre los nuestros y los de aquella tierra. Certificado Cortés que tenía cierto y leal faraute en aquella esclava con Aguilar (GÓMARA, 2007, p. 54).

Essa versão é desmentida por Bernal Díaz quando afirma que ela foi dada por sua mãe, após esta ter se casado com outro nobre indígena. A divergência entre esses relatos dá a possibilidade, entre outras coisas, de uma leitura crítica da tradição escritural latino-americana. É evidente que os cronistas sempre buscaram atestar que suas narrativas eram verdadeiras e por isso, seja por imposição ou por necessidade, esses textos eram escritos a partir dos moldes europeus. De acordo com Echevarría (2011, p. 35), “La historia y la ficción latinoamericanas, la narrativa de América Latina, fueron concebidas al principio en el contexto del discurso de la ley, una totalidad secular que garantizaba su veracidad y hacía su circulación posible”. Desse modo, a função original dos textos cronísticos era de natureza documental e jurídica. Porém, isto não é bem o que se estabelece, uma vez que o elemento ficcional também se sobressaia nessas narrativas. E por mais que no discurso houvesse uma negação do fazer literário/ficção, na prática era bem diferente. Logo, as informações divergentes de um mesmo personagem podem atestar para um discurso que não é de todo real, como os cronistas queriam evidenciar.

Nos episódios que seguem, Gómara evidencia a atuação de Malinche enquanto intérprete, juntamente com Jerónimo Aguilar, nos episódios que se seguem até a conquista quando ela aparece sempre ao lado de Cortés, auxiliando-o. Assim como no relato de Bernal, a intérprete é representada agindo em favor de Cortés e dos espanhóis no episódio de Cholula.

No encontro entre Cortés e Moctezuma, por sua vez, Gómara não faz nenhuma menção à Malinche ao narrar o evento, apesar de ser a garantidora da comunicação entre Cortés e Moctezuma. Serna (2007, p. 81) afirma que “Gómara no se cansará de ensalzar y encumbrar la figura de Cortés, de tal manera que la conquista de México parecerá ser el resultado del esfuerzo personal y exclusivo del famoso conquistador”. Na tentativa de fazer

com que os feitos de Cortés não sejam esquecidos, pondo em destaque sua figura, Gómara impossibilita que outros personagens sejam lembrados e, dessa forma, a figura da indígena é reduzida à invisibilidade.

Após esse contato, Malinche é citada um número contável de vezes, mas aparece exclusivamente como intérprete, sem que haja qualquer apresentação de traços de subjetividade. Na representação elaborada por Gómara é como uma espécie de fantoche às avessas, através do qual Cortés fala. O sentido de avessar, aqui, é sugestivo, uma vez que conota o vazio ligado à representação dessa personagem, como uma espécie de corpo que é porta-voz de outrem, porém não tem voz própria, um corpo sem vida ou sem vocação. Se nos lembrarmos de que ela é no plano simbólico e de certo modo, na prática, uma escrava, tal representação não deixa de ser coerente com a perspectiva daquele que a realiza (o cronista oficial), para quem uma escrava intérprete não teria qualquer relevância para a posteridade. Paradoxalmente, tal procedimento ressalta ainda mais a associação entre o silenciamento e o gênero na constituição da imagem narrativa ou literária e historiográfica relacionada a sua figura nos textos das crônicas de Índias.

Desse modo, desde o período colonial se instaurou uma lógica que já ia fatalmente excluindo uma maioria de povos que foram marginalizados pelos simples fato de não pertencerem a um *lócus* de enunciação privilegiado. O que posteriormente implicará também na exclusão, mesmo que simbólica, desses grupos (indígenas, mulheres e escravos) do núcleo constitutivo das nações pós-coloniais.

Como se pode notar nesses textos, Malinche é uma personagem que aparece representada pelas lentes desses três cronistas. Observa-se que cada um deles, motivados por interesses particulares, dão à sua narrativa caracteres subjetivos e estilísticos próprios, revelando ou omitindo quando lhes convém. Walter Mignolo (2007) revela o surgimento nesse período de uma “matriz colonial do poder”, que segundo o autor “es precisamente la capacidad del sistema para reducir las diferencias a la inexistencia y hacer una categorización racial que convierte las vidas (humanas) en entidades prescindibles” (2007, p. 71). Essa matriz ensinou e contribuiu para a marginalização de determinados povos da história e entre eles, a mulher. A história, nesse contexto, era um discurso composto por uma única voz, a do homem, branco, heterossexual, conforme se verificou.

Quanto à frequência da apresentação/representação de Malinche nas crônicas, é perceptível um jogo de ofuscamento, no qual Cortés silencia diversos personagens da conquista. Cortés, enquanto conquistador, líder, infrator, buscando a aprovação e o

reconhecimento do rei da Espanha, Carlos V, constrói-se como um herói mítico, capaz de se sobressair das situações mais adversas.

Gómara, por sua vez, escritor letrado e cronista de profissão, escreve a pedido de Cortés, e não é de se estranhar que seu relato tenha uma inclinação quase reverencial a Cortés. Delineia sua figura a partir da ótica de quem nunca esteve na América, mas que era amigo íntimo do conquistador. Escreve uma crônica biográfica na qual exalta os feitos e as ações de Cortés, evidenciando seu heroísmo. Todorov (2010, p. 175) argumenta que “[...] Gómara submete tudo à imagem de Cortés, que deixa então de ser um indivíduo, para tornar-se uma personagem ideal”.

Bernal Díaz revela outra vertente da história da conquista, a dos soldados e é ele que dá mais detalhes a respeito de Malinche. Nesta crônica, ela é representada de diversas formas, como intérprete, amante, mensageira. É Bernal Díaz quem mais se detém a escrever sobre a personagem, não se limitando ao episódio da guerra de Cholula. Oferece detalhes de sua vida desde a infância, sua vivência junto aos espanhóis e suas múltiplas relações com Cortés, servindo ao restante dos espanhóis como intérprete, mas também como amante de Cortés e mãe de um filho seu. No entanto, mesmo intitulando seu texto como *Historia Verdadera*, essa é, entre as crônicas aqui analisadas, a que está mais aberta à ficcionalização. Bernal age também por interesses próprios. E portanto, citar mais essa figura feminina não faz de sua narrativa a mais aberta às mulheres e aos marginalizados, pelo contrário, o autor segue a ótica colonialista de silenciamento e ofuscamento de vozes e corpos.

Nas crônicas, há pontos que dialogam entre si e outros que divergem substancialmente. Por sua vez, o episódio da matança de *Cholula* é descrito de forma semelhante pelos três cronistas, o que também aponta para um diálogo intertextual e interdiscursivo entre as crônicas. O que faz desse gênero historiográfico um tipo de relato extremamente paradoxal, se por um lado há um intenso diálogo entre os textos cronísticos, já que seus autores constantemente se baseavam e até certo ponto “plagiavam” outros relatos, por outro, há um discurso restrito e monológico, pois as vozes que deles ecoam são parte de um discurso hegemônico, no qual a mulher, o indígena e o africano não têm vez.

Por sua vez, no episódio de Cholula e no encontro entre Cortés e Moctezuma é quando Malinche é mais evidenciada. Os cronistas a consideram uma peça-chave para que pudessem sair vivos da inevitável guerra. Bernal e Gómara sempre atestam que a índia agiu em favor deles, mas não consideram ou evidenciam que ela, enquanto escrava, não tinha opção de escolha. Além do mais, qual seria a reação de Cortés se ela se negasse a traduzir ou o fizesse de maneira duvidosa? A liberdade prometida poderia ser adquirida?

Desse modo, a trama criada por tais crônicas tende a direcionar o olhar para ações e feitos particulares, omitindo muitos outros. Além disso, como afirma José (2016, p. 83): “tais escolhas também influenciaram o modo como os personagens dessa trama foram lembrados e descritos em suas narrativas”. A Malinche citada nesses textos é uma representação de alguém que ocupa um importante papel durante a conquista do México, como “lengua”, a voz que poderia perpassar dois mundos distintos, mas que é minimizada como indivíduo e como mulher, ou seja, tal importância não é evidenciada. Do ponto de vista escritural, ela, apesar de ser voz, está em diferentes planos submetida a voz do dominador, como já comentado, é um fantoche, um corpo vazio, um objeto vivo a serviço da conquista.

Hutcheon (1991, p. 225) afirma que “O poder da história (conforme o constituímos) pode ser anônimo, mas não pode ser inocente em relação aos sexos, como tradicionalmente se imagina. No caso, ele parece vitimar as mulheres mais do que os homens” [...]. O apagamento de Malinche não se constitui apenas uma omissão. É uma violação, um delito contra o ser, que põe nas margens da história tudo aquilo que é alheio: sexos, culturas, línguas e histórias. Essa mulher opta por seu próprio lado, defende sua vida e usa as armas que tem para lutar pela sobrevivência.

2. HISTÓRIA E LITERATURA NA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Neste capítulo, refletimos sobre dois conceitos fundamentais. O primeiro refere-se à ideia de *Comunidades imaginadas*, de Benedict Anderson (1993), e nisso, incluímos também questões relativas à nação e nacionalidade. O segundo, diz respeito à noção de *Romance fundacional*, discutido por Doris Sommer (2004). Nosso intuito é problematizar como esses discursos são construídos e refletir como eles se entrelaçam e afetam a personagem estudada – Malinche, que aparece durante o processo de conquista do México e é retomada e reinterpretada nos discursos independentistas e pós-coloniais.

Walter Benjamin (1987) em uma de suas teses “Sobre o conceito de história” nos incita a questionar certas verdades, por isso, induz-nos a buscar o “contrapelo da história”. De acordo com o autor: “Nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura [...]” (BENJAMIN, 1987, p. 225). Desse modo, um monumento ou símbolo nacional não representa em si um passado glorioso, mas, antes, é um reflexo de uma história carregada de supressões de identidades e culturas. A história se construiu e é construída, geralmente, sobre uma única ótica: a dos vencedores. Nesse sentido, há sempre uma empatia com o vencedor. Os perdedores são marginalizados, postos de lado, ficam escondidos nas sombras da história, sem vez e voz, e por isso têm apagada sua identidade. E na América Latina não ocorreu de forma diferente.

Durante o período colonial, foi instaurada pelos europeus na América uma lógica que permitiu que certos povos fossem excluídos da história, sendo explorados, marginalizados e tendo suas identidades negadas e suas subjetividades apagadas, como é o caso dos índios, africanos, mestiços e das mulheres. A história contada sob uma ótica bem restrita a do homem, europeu, heterossexual, cristão e de classe média, promoveu o colonialismo e mesmo após os movimentos de independência na América se perpetuou. A independência das colônias espanholas significou uma nova era para a América, que agora passava a reestruturar suas antigas colônias a partir da ideia moderna que hoje temos de nação. O problema que a formação desses Estados/nação implicou em medidas controversas, pois se há um discurso de união e espírito nacionalista, por outro, a lógica colonialista ainda permanecia vigente.

Para refletirmos sobre essas questões, é necessário entender o que é uma nação, ou melhor, quem pode fazer parte dela. Benedict Anderson, (1993) em seu livro “Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo”, constrói uma tese a

respeito desse tema e adentra analisando fatos que contribuíram para o estabelecimento das nações e do nacionalismo. Desse modo, o autor considera a nação como “uma comunidade política imaginada como inerentemente limitada e soberana”. Para explicar melhor esse conceito, ele analisa cada adjetivo utilizado. Considera que a nação é *imaginada* porque, apesar de seus membros se reconhecerem como parte de uma comunidade, seus laços são única e exclusivamente imaginados, já que não há um conhecimento concreto ou verdadeiro por parte dos seus habitantes a respeito dos demais.

A nação é *Limitada* porque, embora elástica, possui fronteiras demarcadas, finitas que sempre se chocam com outras nações de tal modo, que “ninguna nación se imagina con las dimensiones de la humanidad” (ANDERSON, 1993, p. 25). De acordo com o autor, ela é *Soberana*, pois possui poder político e de decisão absoluta dentro de seu território, essa ideia de soberania está diretamente atrelada à liberdade, garantida por meio de um Estado-nação livre de qualquer imposição dinástica ou religiosa. Por fim, entende a nação como uma *Comunidade*, porque

Independientemente de la desigualdad y la explotación que en efecto puedan prevalecer en cada caso, la nación se concibe siempre como un compañerismo profundo, horizontal. En última instancia, es esta fraternidad la que ha permitido, durante los últimos dos siglos, que tantos millones de personas maten y, sobre todo, estén dispuestas a morir por imaginaciones tan limitadas (ANDERSON, 1993, p. 25).

Este último, a comunidade, incide na relação da nação com os seus membros, implicando em políticas de gênero, raça, econômicas e sociais, que atestam para uma desigualdade estrutural e consciente, e por outro lado, emascaram-se através de um discurso de unidade e fraternidade entre os povos que constituem a nação.

Uma nação, desse modo, não é algo preexistente, mas, um conceito moderno que foi construído em virtude da necessidade de reconfiguração de colônias, que, após a independência, precisaram criar uma identidade própria, que as distinguísse das concepções políticas a que antes eram submetidas. Assim, pensar em um conceito de nação é vê-lo a partir de uma série de fatores que possibilitam sua existência, não apenas territoriais e políticos, mas, principalmente, ideológicos.

Barbosa (2011) considera que a nação pode ser pensada desde a perspectiva de um sistema de classificação por meio do qual ligam-se o Estado e seus membros. Dessa forma, “o território e a língua são categorias que sustentam um sentimento de pertencimento e lealdade entre os membros de uma nação, assim como a ideia de uma “tradição cultural” comum” (BARBOSA, 2011, p. 204).

Relacionando esses conceitos, é possível também problematizá-los se levarmos em consideração o surgimento dos Estados-nações na América no século XIX, pois a noção de *comunidade imaginada* implica em diversas políticas que perpassam os corpos dos seus habitantes. Até então há três grupos de pessoas: 1) uma elite branca, os espanhóis de nascimento, que em virtude do processo de colonização, detinham o poder e buscavam permanecer nele; 2) os *crioulos* descendentes de espanhóis, mas nascidos na América, que apesar de possuírem certa autonomia, eram considerados europeus de segunda classe e; 3) os marginalizados, maior grupo composto por indígenas, mestiços, negros e mulheres que foram explorados e subjugados pelos espanhóis e *crioulos* durante o período colonialista.

Apesar dos discursos positivistas a respeito da Modernidade, há um lado obscuro que se estabeleceu e ainda hoje se perpetua, o colonialismo. Walter Mignolo (2007) considera que a modernidade e o colonialismo são faces de uma mesma moeda. Assim:

[el] colonialismo no se contenta con imponerse sobre el presente y el futuro de un país dominado. Al *colonialismo* no le basta tener a un pueblo entero en sus garras y vaciar la mente de los nativos de toda forma y contenido. Por una especie de lógica perversa, también se apodera del pasado de los oprimidos y lo distorsiona, lo desfigura y lo destruye (MIGNOLO, 2005 in MIGNOLO, 2007, p. 107).

Após a independência, houve uma mudança na estrutura de poder e os crioulos tornaram-se a elite pós-colonial. Porém, uma vez livres do domínio europeu, as colônias latino-americanas não reestruturaram a lógica colonialista. Pelo contrário, adotaram uma espécie de *colonialismo interno* que continuou a categorizar e a definir quem era prescindível ou não para o novo Estado-nação.

A respeito do Nacionalismo, Anderson (1993) argumenta que há dois tipos: o vernáculo/popular e o oficial. Este último fruto de uma política consciente de autoproteção, busca preservar os interesses dos grupos dinásticos-imperiais ou da elite crioula, no caso da América, ameaçados pelos nacionalismos populares, que reivindicavam seu lugar na história que agora estava sendo construída. O problema que se estabelece é que este nacionalismo oficial surge do Estado e busca promover seus interesses, em vista disso Mignolo (2007) analisa a postura dos crioulos na América, segundo o mesmo:

Para concebirse a sí mismo como una “raza latina” [...] los criollos de “América Latina” tuvieron que rearticular la diferencia colonial y darle una nueva forma; se convirtieron así en colonizadores internos de los indios y los negros y creyeron en una independencia ilusoria de la lógica de la colonialidad. El colonialismo interno fue un sello del continente americano después de la independencia, estrechamente vinculado con la construcción de los Estados-nación (MIGNOLO, 2007, p. 109)

Até então, a comunidade religiosa e o reino dinástico eram os dois grandes sistemas culturais que estavam em vigor e possuíam características que até certo ponto se aproximavam da ideia de comunidade imaginada.

As comunidades religiosas, conforme o autor assumiram grandes proporções na Idade Média, a exemplo temos o cristianismo que se espalhou pelos diversos continentes, chegando inclusive à América, que até final do século XV era desconhecida pelo restante do mundo. A extensão dessa comunidade e sua possível demarcação só foi viável devido ao estabelecimento de uma língua e uma escrita sagrada. Segundo o autor “una diferencia esencial era la confianza de las comunidades antiguas en el carácter peculiarmente sagrado de sus lenguas, y por ende sus ideas acerca de la admisión a la comunidad (ANDERSON, 1993, p. 31).

Assim, para fazer parte dessa comunidade, além de aceitar o que lhes era imposto por meio da religião, era também necessário adquirir sua “língua sagrada”, convertendo-se em um sentido amplo. Na maioria das vezes essa conversão não foi pacífica, pois a imposição da fé, da língua e da cultura europeia (exemplo que estamos usando) provocou a aculturação dos habitantes autóctones da América e, conseqüentemente, a perda significativas de traços de sua cultura original, para tornar-se membro de uma comunidade religiosa era necessário renunciar à comunidade de que anteriormente poderia ser membro, assumindo uma nova identidade.

A língua sagrada, como língua de poder, era veiculada por meio da escrita, nos rituais religiosos e pelos documentos oficiais. Como o principal estandarte da comunidade religiosa era uma língua sagrada, seu declínio tornou-se inevitável à medida que o mundo foi se reconfigurando. Os descobrimentos nos séculos XV e XVI e a publicação da primeira gramática da língua espanhola em 1492 foram alguns dos fatores que impulsionaram essas transformações. Por conseguinte, o latim que era a língua sagrada e de escrita das comunidades cristãs foi aos poucos perdendo seu espaço para as línguas vernáculas, faladas pela maioria dos supostos membros dessa comunidade.

A queda do latim foi um marco de um processo muito mais amplo no qual as comunidades sagradas estavam envoltas, e que já não podiam se desvencilhar, pois essas “gradualmente se fragmentaban, pluralizaban y territorializaban” (ANDERSON 1993, p. 39), perdendo espaço para as línguas vernáculas. Nisso, evidencia-se o caráter imaginado da comunidade religiosa, pois se sua principal característica era uma “língua sagrada”, o surgimento do latim vulgar e o florescimento e consolidação das línguas românicas constituiriam a ruína dessa comunidade.

O reino dinástico, segundo sistema cultural abordado por Anderson (1993), tinha sua legitimidade estabelecida através do critério da divindade. Dessa forma, os que ocupavam os cargos reais eram considerados representantes divinos na terra, e por isso, a lealdade que lhes era oferecida seria uma forma dos povos subordinados se relacionarem e estabelecerem vínculos com o sagrado. No reino dinástico, a questão da hereditariedade é a sua característica principal, sendo o poder desses reinos concentrados em uma pequena parcela privilegiada, as famílias reais.

O autor argumenta que “Los estados se definían por sus centros, las fronteras eran porosas e indistintas, y las soberanías se fundían imperceptiblemente unas en otras” (ANDERSON, 1993, p. 39). O centro é demarcado, as suas fronteiras não. Por isso, eram comuns as guerras e acordos políticos/amorosos para obter súditos e expandir esses reinos. A miscigenação era uma das principais estratégias utilizadas. As famílias que detinham o poder poderiam alargar seu território pela mestiçagem (com ressalvas), ou seja, através de casamentos planejados de cunho político entre os membros de distintas realezas. Assim, “los linajes reales derivaban a menudo su prestigio, aparte de toda aureola de divinidad, de cierta mezcla racial. Porque tales mezclas eran señales de una posición superior” (ANDERSON, 1993, p. 41).

O autor em suas reflexões evidencia que o entendimento sobre as características dessas duas comunidades (reino dinástico e comunidade religiosa) e a causa de sua ruína são suficientes para compreender como as comunidades de nação imaginada teriam surgido. Desse modo, um terceiro fator que é acrescentado, como um dos fios condutores para a concepção de nação que temos hoje, é a questão da noção de apreensão do tempo, que remete à ideia da história como algo linear. Na Idade Média, o tempo era entendido como um contínuo homogêneo e vazio. Os homens eram encarregados de seguir o fluxo dos acontecimentos sem reivindicar qualquer mudança.

De acordo com Mignolo (2007, p. 72)

Cuando uno logra desprenderse de la creencia natural de que la historia es una sucesión cronológica de hechos que conducen a la modernidad y ponen en el centro de la escena la espacialidad y la violencia del colonialismo, la modernidad se asocia íntimamente con la colonialidad en una distribución espacial de nodos que forman parte de una organización ‘estructural’ y ya no ‘lineal’ de la historia.

A crítica a essa ideia de tempo homogêneo reflete, inevitavelmente, na forma como se passou a conceber a história. Desse modo, ela não é mais um *continuum*, e sim uma sequência que é entrelaçada por nós, que não necessariamente estão ligadas ao progresso. O autor ainda

acrescenta que este novo modo de perceber a temporalidade foi o que possibilitou também a abertura para a diversidade dos pontos de vista e processos históricos. Consequentemente, a história seria como um conjunto de *heterogeneidades histórico-estructurales*, que como afirma “son producto de una serie de acontecimientos interpretados por la retórica de la modernidad (progreso, felicidad, riqueza) y por la lógica *constitutiva* de la colonialidad (estancamiento, muerte, pobreza)” (MIGNOLO, 2007, p. 73).

Em diálogo com o primeiro capítulo, percebemos que o período mostrado nas crônicas dos séculos XVI evidencia a transição da Idade Média à Moderna. Nesses textos, há um caráter e rigor ainda religioso, baseado na tradição. Existem discursos pautados na fé e na catequização dos povos “recém-descobertos”, além das inúmeras menções à coroa espanhola e portuguesa, que evidenciam também características do reino dinástico. O fato é que durante anos essa lógica permaneceu vigente na Europa e foi imposta aos nativos nas terras americanas. A ideia principal que se estabelece é que há uma língua e um povo privilegiado, de modo que qualquer cultura ou manifestação que se distanciasse da imperial deveria ser refutada e combatida. Essa lógica imposta e absorvida durante séculos influenciou de maneira decisiva na formação dos Estados-nações na América no século XIX.

Já nos períodos pós-independência, produziu-se um tipo de nacionalismo extremamente anômalo, como o próprio Anderson (1993) afirma. Anômalo porque ao invés de voltar-se para seu interior, na busca de uma identidade própria e na resolubilidade de conflitos internos, procurou na França, e em ideários revolucionários externos, respostas para os seus déficits. Anômalo porque mesmo livres do domínio imperial espanhol, continuou a se perpetuar o colonialismo. Contudo, agora com uma nova face, a dos crioulos, que assim como os espanhóis continuaram a classificar e a definir, em uma espécie de hierarquização étnica da nação, quem merecia ser lembrado e quem estaria condenado ao esquecimento.

Anômalo porque a nação foi concebida a partir de moldes criados por quem estava no poder, ou seja, os crioulos, e como tal, o objetivo era que através do estabelecimento da nação e da ótica nacionalista os mesmos permanecessem no poder e dele usufríssem. Portanto, apesar de na América pós-colonial se estabelecer uma ideia de comunidade baseada em um passado, uma história e uma língua comum, a nação continuava a excluir e a marginalizar grande parte da população.

Rangel (2008, p. 676) a respeito desse tema é enfático:

[...] México ha sido constituido como un *Estado racial*. Como tal, la idea de raza influyó, consideró, evaluó y trazó, hasta cierto punto, algunos de los proyectos y políticas nacionales. En realidad, esta configuración racial moldeó las condiciones para la fabricación de la “memoria histórica” (o bien

indujo la amnesia sobre realidades perturbadoras), la cual es indispensable para la *racionalización* del poder del Estado.

A *formação racial* no México iniciou-se com a Conquista, pois todo o processo colonizador já ia fatalmente excluindo do núcleo constitutivo da *comunidade imaginada* indígenas, escravos e mulheres. E, conseqüentemente, a nação que se funda não é uma nação na qual Malinche tenha direito a um papel protagonista.

Como parte do projeto de construção de uma identidade nacional surge em meados do final do século XIX na América um tipo de romance extremamente comprometido com os ideários nacionais, os chamados romances de fundação ou *ficciones fundacionales* como Doris Sommer (2004) os intitula.

As primeiras narrativas românticas hispano-americanas do século XIX tiveram forte influência europeia, principalmente, francesa. No entanto, Sommer (2004) chama atenção que muitas dessas ficções ganharam traços próprios, distanciando-se do romantismo peninsular. Elas começaram a ser escritas após os períodos de independência das nações americanas. A emancipação desses povos também gerou incertezas e a busca por uma identidade própria, enquanto comunidade e nação.

A autora concebe romance nacional como “[...] se refiere a aquel libro cuya lectura es exigida en las escuelas secundarias oficiales como fuente de la historia local y orgullo literario” (SOMMER, 2004, p. 21). Uma definição bem genérica do termo, mas que revela uma das suas características principais: a qualidade de ser uma espécie de símbolo nacional. Desse modo, os romances de fundação serviram como uma estratégia das elites latino-americanas para divulgação ideológica e formação de uma identidade nacional imaginada. Para além da função literária, esses romances possuíam cunho político. A autora acrescenta:

Los ejemplos clásicos en América Latina son las inevitables historias de amantes desventurados que representan, entre otros factores, determinadas regiones, razas, partidos e intereses económicos. Su pasión por las uniones conyugales se desborda sobre una comunidad sentimental de lectores, con el afán de ganar tanto partidarios como corazones (SOMMER, 2004, p. 22).

Nesses romances, amor e política se entrecruzam e se fundem porque a tarefa do escritor/político é também imaginar e pensar a nação. Nessas narrativas, as personagens alegóricas são representações de camadas sociais que coexistiam e conflitavam na América. Sommer afirma que

Las novelas románticas se desarrollan mano a mano con la historia patriótica en América Latina. Juntas despertaron un ferviente deseo de felicidad doméstica que se desbordó en sueños de prosperidad nacional materializados

en proyectos de construcción de naciones que invistieron a las pasiones privadas con objetivos públicos (SOMMER, 2004, p. 23).

A autora em seu livro faz a análise de diversos romances fundacionais. São exemplos de alguns deles: *Amalia*, do argentino José Marmol; *Sab*, da escritora cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda; *O guaraní* e *Iracema*, do brasileiro José de Alencar; *María*, do colombiano Jorge Isaacs, dentre outros. A diversidade das obras analisadas e a busca de discursos que evidenciam a construção de uma identidade nacional parecem num primeiro momento um desafio quase impossível, mas Sommer, pouco a pouco, destrincha essas obras, apresenta as características de seus personagens, os ambientes que os perpassam, os conflitos que enfrentam e faz conexões com a realidade que estava sendo vivenciada. As fórmulas narrativas aparentemente destoantes revelam, por um lado, os ambientes singulares nos quais foram produzidas e uma variedade de projetos partidaristas que evidenciam pretensões universalistas que atendem ao propósito de “construir um futuro para a nação”.

As *ficciones fundacionales* serviram para preencher as lacunas da história e construir um arquétipo de nação. De acordo com Sommer,

Los romances locales no solo entretuvieron el público lector con remiendos de una historia nacional llena de agujeros, sino que desarrollaron una fórmula narrativa para resolver conflictos que se venían arrastrando por años, constituyéndose en un género postépico conciliador que afianzó a los sobrevivientes de las encarnizadas luchas, postulando a los antiguos enemigos como futuros aliados (SOMMER, 2004, p. 29).

O amor, como principal bandeira, resgataria a esperança dos povos recém-independentes, índios, brancos, crioulos, mestiços. Todos esses poderiam, por fim, livrar-se das nomenclaturas e dos aspectos sócio-políticos que os diferenciavam em nome de um bem maior. As distâncias entre esses povos eram encurtadas e as tensões existentes pacificadas mediante os romances fundacionais que fundiam, em suas entrelinhas, amor e política.

Sommer (2004, p. 41) postula que:

Las novelas comparten un espacio íntimo. Leídas en conjunto, revelan importantes puntos de contacto tanto en la trama como en el lenguaje; producen un palimpsesto que no puede derivarse de las diferencias históricas o políticas a las que se refieren. La coherencia nace de su proyecto común de construir un futuro mediante las reconciliaciones y amalgamas de distintos estratos nacionales imaginados como amantes destinados a desearse mutuamente. Esto produce una forma de narrativa consistente que puede asimilar distintas posiciones políticas pues está impulsada pela lógica del amor.

Se por um lado a mescla racial na Europa era vista com maus olhos, para os romancistas e políticos da América esta questão assumia caráter diverso. Nesse sentido, a

mestiçagem dos povos simbolizaria não só a redenção dos habitantes americanos, mas também seria o principal instrumento de consolidação nacional.

El mestizaje era el camino hacia la perdición racial en Europa, pero era la vía hacia la redención en América Latina, una manera de aniquilar la diferencia y construir el sueño profundamente horizontal y fraternal de la identidad nacional. Era un modo de imaginar la nación a través de una historia futura [...] (SOMMER, 2004, p. 56).

A autora evidencia que a estratégia usada pelos europeus, que eram defensores nos romances e na política da pureza de raça, classe social, de gênero e cultura não provocariam os mesmos efeitos na América. Com grande parte da população constituída por indígenas, negros e mestiços, defender a hegemonia racial do branco europeu desencadearia conflitos maiores, chegando a ser ‘autodestrutivo’.

Se o projeto político latino-americano para as nações e resolubilidade dos conflitos era a mestiçagem das raças, este idílio supostamente conduziria à unidade nacional. Contudo, toda a efervescência dos romances nacionais e seus ideários não possibilitaram que o sonho idealizado de nação viesse à tona tal como foi planejado. As narrativas ainda eram ficções e se tratavam de “hermosas mentiras”:

Es posible que las mentiras piadosas del romance nacional sean estrategias con igual intención para controlar los conflictos raciales, regionales, económicos y sexuales que amenazaban el desarrollo de las nuevas naciones latinoamericanas. Después de todo, estas novelas eran parte del proyecto general de la burguesía para lograr la hegemonía de esta cultura que aún se encontraba en estado de formación (SOMMER, 2004, p. 46).

O projeto de nação deveria alcançar o máximo de pessoas, sensibilizá-las frente a um amor (nação) que era imaginário. Esses textos supostamente buscariam acolher o diverso, unindo-os. Porém, estando a serviço da burguesia, manifestava-se como algo politicamente tendencioso, pois “Idealmente sería una cultura acogedora, un tanto sofocante, que enlazaría las esferas pública y privada de modo que habría lugar para todos, siempre y cuando todos supieran cual era el lugar que les correspondía” (SOMMER, 2004, p. 46 – destaque nosso).

Problematizar essa ideia faz-se necessário porque a ideologia que é propagada por esses romances eram de uma pequena parcela dominante: a burguesia (constituída pelo homem de aspiração europeia), que diante de eventuais revoltas e guerras civis buscou apaziguar os ânimos das comunidades marginalizadas. Desde a conquista, esses povos foram postos à margem da história, porém, agora livres do domínio de metrópole europeia viam a possibilidade de participarem da escrita de uma nova história, na qual eles também poderiam ser protagonistas.

O ideal utópico que se propagou nos romances de fundação e inclusive naquelas comunidades marginalizadas a respeito da construção de uma nação unificada e homogênea, por meio do reconhecimento de uma nacionalidade, de um lugar de pertencimento se desfez ao passo que se identificou que os projetos nacionais continuavam nas mãos de uma parcela mínima da população. Benedict Anderson (1993, p. 224) evidencia a ideia de que a opressão é perpetuada mesmo quando o dominador não é mais o mesmo. Desse modo, “[...] el Estado espera que la mano del nuevo propietario que oprime el interruptor sea muy semejante a la del propietario anterior”. Assim, mesmo com a independência a história estava sujeita a voz do dominador.

As políticas nacionalistas latino-americanas no século XIX passam a ser conscientes e auto protetivas, perpassavam os diferentes canais de comunicação e buscavam atingir e influenciar na construção identitária da nação e, desse modo, acaba por assinalar o racismo colonial. As políticas oficiais, pensadas por membros da comunidade que eram privilegiados e que não queriam perder seu poder, eram conscientes. Emascaravam as discrepâncias existentes entre os ideários e a realidade nacional de nação e buscavam reaver o lugar que estava sendo perdido por meio dos nacionalismos populares.

A nação mexicana foi construída sob a ótica e para benefício daqueles que a imaginaram, os crioulos, e dessa forma grande parte de sua população foi marginalizada, como os indígenas, negros e mulheres. Segundo Mignolo (2007, p. 110), “Fue precisamente así como se “armó” la matriz colonial de poder, cementada por el racismo, es decir, por un discurso que demoniza a pueblos enteros pintándolos como seres humanos inferiores y, a veces, ni siquiera humanos”. Todo projeto de criação de uma identidade nacional e de unificação das suas comunidades, idealizado pelos romances nacionais, não passou de uma mera estratégia política de um grupo específico que estava no poder e queria continuar aproveitando-se dele.

Assim, os discursos de união e unificação através do amor, descritos nos romances de fundação não passavam de discursos simbólicos e lembrar ou esquecer era parte de suas estratégias para a criação dessas comunidades. Nas palavras de Barbosa (2011, p. 208), “a identidade nacional é formada pela identificação com a cultura nacional (memória coletiva) e pelo desejo de participar do Estado-nação (comunidade compartilhada)”, ambos elaborados de maneira imaginada.

Importa salientar que o conceito de nacionalidade/nação não é estático. Isso é evidenciado quando comparamos essa ideia com a da época do descobrimento da América e com posteriormente o seu processo de independência. Observe-se que os romances de

fundação cumprem exatamente o papel explicitado por Anderson (1993), desse modo, se a escrita ocupava um lugar privilegiado para a construção das *comunidades imaginadas*, a literatura latino-americana romântica sob a forma de romances erótico-políticos criou o cenário/ambiente necessário para chegarmos à ideia moderna de nação.

Outro aspecto que podemos considerar são as relações de poder, pois esses ideários nacionais, construídos pelos romances de fundação estariam diretamente relacionados às diferenças de gênero. Sommer (2004) esclarece que as personagens femininas possuem papel de destaques nesses romances. Para a autora, a partir dos diversos romances que analisa em sua obra, fica evidenciado que a maioria das personagens femininas são dotadas de certos atributos que comumente seriam considerados atributos masculinos, são exemplos: a valentia, a independência, a força e a capacidade de liderança. Estas mulheres compartilhavam com seus amantes características comuns e idealizadas, mescla de sentimento e força. Nas palavras da autora,

Esta (con)fusión de género produjo también heroínas románticas, perseverantes e ingeniosas que sin temor confrontan a las autoridades, conspiran para escapar de la opresión y rescatan a sus indefensos héroes. Los amantes, igualmente admirables en virtud del romance, amenazan con subvertir la lógica vertical de los proyectos hegemónicos a lo largo de cientos de páginas sugestivamente democráticas, pero al final las mujeres dócilmente se verán sometidas a la voluntad de sus hombres (SOMMER, 2004, p. 33).

É questionável a visão simplista a respeito das relações do masculino e feminino que no processo de idealização da nação foram postas. Apesar de possuírem seu protagonismo nas obras, estavam à mercê dos homens. As personagens femininas possuem destaque nos romances fundacionais o são por ser o ventre fértil, responsáveis pela concretização do projeto nacional, ou seja, mais uma vez submetidas ao poder masculino.

Segundo Anne MacClintock:

As nações são sistemas de representação cultural disputados que limitam e legitimam o acesso das pessoas para os recursos do estado-nação. No entanto, as nações não garantem igualdade de acesso para estes recursos entre homens e mulheres, já que o nacionalismo está firmado em uma memória, humilhação e esperança masculinas (MACCLINTOCK, 1997 apud BARBOSA, 2011, p. 206).

A mulher é posta à margem, possuindo uma visibilidade seletiva. Dessa forma, a legitimidade da mulher na construção da nação encontra-se condicionada pela presença masculina. A nação entendida desde esta perspectiva não é homogênea e horizontal, mas perpassada por discursos e ações que se fundamentam nas relações de poder de gênero, de

raça, de classe social e política. Desse modo, e a partir dessa lógica perversa, durante o período pós-independência do México a história de Malinche é revisitada. De acordo com José (2016, p. 146- 147) ela ganhou diversas interpretações:

O retrato deixado por eles sobre Malinche modificou-se, contudo, com o correr do tempo e ganhou novos sentidos três séculos depois de determinada a conquista. Mais especificamente, a figura da companheira de Cortés foi reinterpretada pelos discursos nacionalista, hispanista e mestiço que emergem na cena política mexicana durante o século XIX. De cativa a intérprete, Malinche ainda é descrita ora como traidora da pátria por se aliar aos espanhóis, ora como colaboradora para o processo civilizacional do México empreendido por Cortés, ora como símbolo da mistura racial entre indígenas e espanhóis, por gerar o primeiro mestiço da América, Martín Cortés.

Octavio Paz (1992) argumenta que essa permanência da figura de Cortés e principalmente de Malinche na imaginação mexicana reflete um conflito interno do próprio povo mexicano, que ainda é carente de uma identidade concreta. Dessa forma, para o autor, a personagem:

[...] se ha convertido en una figura que representa a las indias, fascinadas, violadas o seducidas por los españoles. Y del mismo modo que el niño no perdona a su madre que lo abandone para ir en busca de su padre, el pueblo mexicano no perdona su traición a la Malinche (PAZ, 1992, p. 35).

Todorov (2010), por sua vez, faz uma crítica à forma como essa personagem é rotulada nos processos pós-independência mexicana ao atentar para o fato de que

Os mexicanos pós-independência geralmente desprezaram e acusaram a Malinche, que se tornou a encarnação da traição dos valores autóctones, da submissão servil à cultura e ao poder dos europeus. É verdade que a conquista do México teria sido impossível sem ela (ou outra pessoa que desempenhasse o mesmo papel), e que ela é, portanto, responsável pelo que aconteceu. Quanto a mim, vejo-a sob outra luz: ela é, para começar, o primeiro exemplo, e por isso mesmo o símbolo, da mestiçagem das culturas; anuncia assim o Estado mexicano moderno e, mais ainda, o estado atual de todos nós, que, apesar de nem sempre sermos bilíngues, somos inevitavelmente bi ou tri-culturais. (TODOROV, 2010, p. 147).

Todos esses discursos, apesar de diferentes, buscaram construir uma identidade mexicana no momento em que o país passou a ser independente da metrópole europeia. A Malinche foi (re)interpretada a partir da ótica nacionalista como colaboradora dos espanhóis e traidora dos povos indígenas. Todorov (2010) questiona e problematiza essa afirmação tão restritiva que faz dessa personagem um símbolo nacional de repúdio e desprezo, assim como Laura Esquivel (2006) o faz, como veremos posteriormente.

3. UMA LEITURA CRÍTICA DO ROMANCE *MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL

O romance *Malinche* (2006) de Laura Esquivel é sem dúvida um importante instrumento para pensarmos a ficção pós-moderna, pois apresenta em sua estrutura uma mescla entre ficção e história. A autora coloca como personagem protagonista a *Malinalli*⁶, uma mulher, índia, escrava que participou ativamente da Conquista do México no século XVI. Para tanto, descreve a vida dessa personagem desde seu nascimento à vida adulta, narrando a sua relação com Hernán Cortés, a sua função de intérprete, além de contar parte das tradições, mitologia e crenças que a personagem compartilhava.

Esquivel se utiliza para a construção da narrativa uma bibliografia especializada, ou seja, cita ao final do livro uma série de referências bibliográficas que, de certo modo, dá veracidade ao que escreve, tanto no que diz respeito a história de Malinche, pois usa “documentos históricos” como as crônicas de Hernán Cortés e Bernal Díaz del Castillo, como outros que abordam e analisam Malinche.

A autora retorna ao passado por meio de “documentos oficiais” escritos pelos cronistas e também utiliza textos críticos a respeito da cultura mexicana do período e de relatos a respeito da Malinche. É evidente que a autora propõe-se a construir uma ficção baseada nos relatos de conquista do México, mas com um olhar diferenciado, com vistas ao marginal e excluído.

Por tratar do passado de acordo com uma nova ótica o texto é via para reflexão e confronto de certas “verdades históricas”, por isso, consideramos que tal romance é uma metaficção historiográfica, firmada em um discurso anti-fundacional que parte de três argumentos principais: 1) a perspectiva do narrador parece coincidir e revelar um ponto de vista feminino; 2) A personagem deixa de ser periférica e se converte em personagem central, ou seja, há uma mudança no tema focalizado em comparação às crônicas e romances fundacionais; 3) há uma problematização dos processos narrativos (da ficção e da história).

A metaficção historiográfica surge na pós-modernidade e se propõe a problematizar o discurso histórico. Linda Hutcheon (1991, p. 142) ao abordar o romance pós-moderno diz que uma das suas posturas principais é “confrontar os paradoxos da representação/fictícia, do particular/geral e do presente/passado”. Ela permite ao autor questionar a veracidade dos

⁶ Para melhor compreensão utilizaremos o termo Malinche para nos referirmos a personagem principal do romance, em virtude de nossos capítulos anteriores e também por este nome na atualidade ser o mais utilizado para personagem em questão. Recurso que Laura Esquivel não utiliza, pois opta por chamá-la de Malinalli, seu nome de origem indígena.

discursos históricos e dar voz para aos que foram silenciados. Ao questionar a metaficção historiográfica, não nega ou endemoniza o passado, mas reconhece que a história deve ser um discurso capaz de comportar múltiplas vozes.

Nas crônicas aqui analisadas, a voz masculina, europeia e cristã controlava todos os relatos. No romance a autora substitui essa voz, há um narrador em terceira pessoa que é consciente de tudo. No caso, não há evidência explícita de quem seja o narrador, no entanto consideramos que há uma voz feminina que ecoa através da narração. Desse modo, o primeiro aspecto a se pensar em relação ao romance é quem é a pessoa que domina o discurso. Até então, nas crônicas e nos romances de fundação, as vozes que se sobressaíam eram, em sua maioria, a masculina ou a da mestiçagem. O papel reservado para as mulheres ou era omissa ou auxiliar. Esquivel, por sua vez, faz de Malinche a protagonista em seu romance. O centro masculino torna-se disperso e a figura feminina, que sempre foi posta nas margens da história, ganha maior destaque.

Podemos perceber que a voz feminina é bem mais condescendente com a personagem, que não julga ou impõe uma visão única sobre Malinche, mas que abre espaço para múltiplas interpretações a seu respeito como intérprete, mulher, índia, escrava, mãe e amante. Nesse sentido, a voz feminina também possibilita que Malinche seja a protagonista da narrativa.

Outro aspecto a ser pensado em relação ao romance é a perspectiva das margens, não estamos falando aqui de uma literatura estritamente marginal, mas de um texto que aborda a perspectiva da margem. Se pensarmos que os textos até aqui analisados partem de um cenário literário/histórico limitado, as vozes que são retratadas neles também o são. De acordo com Hutcheon, (1991, p. 250) “Quem está no poder controla a história. Entretanto, os marginais e os ex-cêntricos podem contestar esse poder, mesmo que continuem a ser por ele alimentados”.

A autora afirma que o “ex-cêntrico” (marginalizado) na América perpassa as questões de sexo, raça ou nacionalidade, sendo também uma questão de classe. Desse modo, não basta ser branco europeu ou índio autóctone para definir se fará parte ou não da história, as diferenças de classes influenciarão de maneira decisiva, pois aqueles com maior poder político, aquisitivo, de bens culturais e educação estarão por si só em uma posição privilegiada.

A paródia no romance pós-moderno assume dupla função, pois ao mesmo tempo que contesta a veracidade da história, abre espaço para o protagonismo dos seres ex-cêntricos e marginalizados. Linda Hutcheon (1993) aborda que ainda hoje a paródia é vista sob a noção que se tinha no século XVIII, ou seja, como engenhosidade e ridículo. A autora argumenta que a partir do séc. XX Malinche passa a ter outras representações, ganhando ampla forma e

propósitos. Dessa maneira, a paródia deixa de encarnar esses adjetivos reducionistas, ganhando novas configurações. Como fenômeno intrinsecamente relacionado ao pós-modernismo deixa de ser apenas uma forma de repetição/retomada do passado de forma nostálgica. Nesse novo contexto, a paródia torna-se crítica: “es una forma problematizadora de los valores, desnaturalizadora, de reconocer la historia (y mediante la ironía, la política) de las representaciones” (HUTCHEON, 1993, p. 2).

A metaficção historiográfica reconhece o valor das margens e deixa-se abrir a múltiplas vozes e, conseqüentemente, a uma gama de interpretações. Logo, não é fruto de negação ao passado, ela, a partir de sua estrutura, guia nossa forma de (re)conhecer esse passado e ao fazê-lo, subverte-o. Assim, segundo a autora:

O discurso histórico era dominado pela voz masculina que detentora do poder condicionava a interpretação da história. A metaficção historiográfica surge justamente para problematizar os discursos históricos pondo em xeque sua veracidade, e ao fazê-lo permite que as vozes marginalizadas sejam postas em destaque (HUTCHEON, 1993, p. 35).

Laura Esquivel não se satisfaz apenas em escrever sobre um passado-histórico comumente conhecido, ela elabora uma narrativa que constrói um elo com o presente e com isso joga com ideias paradoxais: a ficção e realidade, colonialismo e nacionalismo, feminino e masculino, centro e margem. A autora recupera os discursos do passado a respeito de Malinche, principalmente aqueles que emergiram a partir do final do século XIX com a formação do Estado-nação no México, e os coloca em evidência em sua narrativa. E ao fazê-lo toca em temas como identidade e lugar de pertencimento, traição, mestiçagem, escravidão indígena, colonização.

Nas palavras de Hutcheon

[...] A paródia é mais do que uma simples estratégia essencial pela qual a ‘duplicidade’ se revela (Gilbert e Gubar 1979a, 80); é uma das principais maneiras pelas quais as mulheres e outros ex-cêntricos usam e abusam, estabelecem e depois desafiam as tradições masculinas na arte (HUTCHEON, 1991, p. 175).

A paródia é um tipo transgressor, pois representa uma ruptura, uma recusa à ordem pré-estabelecida e ao modelo ‘original’ de narrativização, mesmo dependendo dele para se materializar. A autora põe à mesa de seus leitores uma narrativa que se centraliza em uma mulher, e ao fazê-lo, por meio da paródia, desmarginaliza a figura feminina das narrativas cronísticas.

Além disso, o romance é produto de um estudo bibliográfico, contendo inclusive referências ao final do texto. Em uma lógica inversa, também é evidenciado seu caráter

ficcional, pois introduz personagens (a avó de Malinche) e elementos culturais, míticos e religiosos que até então não haviam sido considerados nas crônicas. Hutcheon (1991, p.185) afirma que “[...] como relato narrativo, a história é inevitavelmente figurativa, alegórica e fictícia; ela é sempre já textualizada, sempre já interpretada”. Desse modo, ambas as manifestações só são possíveis através da narrativização e esse recurso inevitavelmente depende de quem escreve, atribuindo sentido ou significado para a história ou a literatura a partir de sua ótica. A ideia principal que se estabelece, inclusive no romance, é que as definições de ficção e história variam com o tempo, a autora afirma que eles são gêneros permeáveis.

Desse modo:

A ficção e a história são narrativas que se distinguem por suas estruturas, estruturas que a metaficção historiográfica começa por estabelecer e depois contraria, pressupondo os contratos genéricos da ficção e da história. Nesse aspecto os paradoxos pós-modernos são complexos. A interação do historiográfico com o metaficcional coloca igualmente em evidência a rejeição das pretensões de representação ‘autêntica’ e cópia ‘inautêntica’, e o próprio sentido de originalidade artística é contestado com tanto vigor quanto a transparência da referencialidade histórica (HUTCHEON, 1991, p. 146-147).

Laura Esquivel, ao deter-se à história de uma personagem indígena, não se propõe a negar ou afirmar a veracidade de nenhum dos discursos, sejam eles históricos ou literários. A história não é tomada como algo único e puro, tampouco o fazer literário é inferior ao histórico. O romance age em consonância com os ideais pós-modernistas que veem uma terceira possibilidade para o que até então era dicotômico, é a metaficção historiográfica que enquanto narrativa se situa na fronteira do ficcional e o histórico. Pressupõe-se que não há uma verdade, e sim *verdades*.

A Malinche citada nas crônicas de Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo e Francisco López de Gómara é uma representação de uma personagem que ocupa um importante papel durante a conquista do México, mas que é minimizada como indivíduo e como mulher. Do ponto de vista escritural, Malinche, apesar de ser voz, está em diferentes planos submetida à voz masculina e etnocêntrica europeia. Já nos romances fundacionais, Malinche segue condicionada à voz masculina que direciona a construção de uma identidade para a personagem, isso implicará também na visão dela enquanto traidora da nação mexicana.

O romance dialoga com os discursos cronísticos, principalmente o de Bernal Díaz del Castillo, a respeito da origem de Malinche, a personagem filha de nobres indígenas, que após a morte do pai é dada como escrava, pela mãe, para o povo maia, após se casar. Esquivel questiona a versão admitida na história que dita que Malinche é uma traidora de seu povo, a

partir de uma narradora que está atenta a subjetividade e mostra uma personagem que não possui uma sensação de pertencimento a uma comunidade ou lugar, pois na maior parte de sua vida foi uma escrava.

No se explicaba qué podía haber de malo en su interior para que la trataran como un objeto estorboso, para que con tanta facilidad prescindieran de ella. Se esforzaba para ser la mejor, por no causar problemas, por trabajar duro y, sin embargo, por alguna extraña razón no la dejaban echar raíces [...] (ESQUIVEL, 2006, p. 9).

O pertencimento evoca não apenas um lugar de origem ou um povo particular, mas também uma língua e uma cultura comuns. Malinche, nessa perspectiva, não compartilha de algumas crenças e convicções dos povos indígenas que supostamente é de origem, o povo nahua.

Malinalli estaba en total desacuerdo con la manera en que ellos gobernaban, se oponía a un sistema que determinaba lo que una mujer valía, lo que los dioses querían y la cantidad de sangre que reclamaban para subsistir. Estaba convencida de que urgía un cambio social, político y espiritual (ESQUIVEL, 2006, p. 10).

A personagem ao longo da narrativa precisa adaptar-se para poder sobreviver, aprende outros signos e outras formas de ver e relacionar-se com o mundo. Nas palavras da narradora, Malinche defende o direito às mulheres de liberdade, é e contra o comércio e a escravização feminina. A autora também atenta para o fato de que a exploração feminina não era algo comum apenas aos europeus, mas os indígenas também a praticavam.

Dessa forma, ela enquanto sujeito não é um ser omissor, porém, é consciente e capaz de desafiar (mesmo que simbolicamente) a lógica imposta pelos indígenas e espanhóis que decidia o lugar da mulher em sua sociedade. E essa subjetividade tão aparente no romance de Esquivel denota o lado contemporâneo da personagem e de sua obra, crítica e insatisfeita com a realidade e os discursos enrijecidos que as permeiam.

Se por um lado, nas crônicas e romances de fundação, há um discurso latente machista, patriarcal e misógino, que automaticamente põe a mulher na margem e a trata como um objeto, pois o não falar já é em si um tipo de violência. Por outro, a centralidade e o protagonismo de Malinche evidenciam um lado oposto, que é também sobrelevando quando consideramos que essa personagem no romance possui uma criticidade e inquietude quanto a sua condição, muito a frente das mulheres da época.

É evidente que, nas palavras da narradora, Malinche divergia das crenças dos indígenas em relação aos sacrifícios humanos. Na visão dos cronistas, os sacrifícios humanos realizados pelos astecas geram grande trauma nos espanhóis, e também é uma das

justificativas para catequizar e colonizar os astecas. No romance, a personagem vê, com a chegada dos espanhóis, a possibilidade de extirpação desses costumes e uma mudança em relação ao seu próprio ser.

A respeito do ofício de tradutora, os cronistas afirmam que embora a personagem seja escrava, estando a serviço de Cortés, em determinados momentos toma posição e age em favor dos espanhóis, mesmo não estando diretamente “subordinada” a eles. A personagem no romance torna-se mais humanizada. Nesse sentido, está imersa em dilemas existenciais em relação ao lugar de pertencimento, a sua condição de mulher escrava, ao seu relacionamento com Hernán Cortés e a sua função como “lengua”:

¿Qué iba a fecundar? Ésa era la gran incógnita. Malinalli estaba convencida de que sólo había dos posibilidades: unión o separación, creación o destrucción, amor u odio, y que el resultado estaba determinado por «la lengua», o sea, por ella misma. Ella tenía el poder de lograr que sus palabras incluyeran a los otros dentro de un mismo propósito, que los arroparan, que los cobijaran o los excluyeran, los convirtieran en oponentes, en seres separados por ideas irreconciliables, en seres solitarios, aislados, desamparados, tal como ella, quien, en su calidad de esclava, por años había sentido lo que significaba vivir sin voz, sin ser tomada en cuenta e impedida para cualquier toma de decisiones. Pero ese tiempo pasado parecía estar muy lejos. Ella, la esclava que en silencio recibía órdenes, ella, que no podía ni mirar directo a los ojos de los hombres, ahora tenía voz, y los hombres, mirándola a los ojos, esperaban atentos lo que su boca pronunciara. Ella, a quien varias veces habían regalado, ella, de la que tantas veces se habían deshecho, ahora era necesitada, valorada, igual o más que una cuenta de cacao (ESQUIVEL, 2006, p. 30, destaque nosso).

A narradora aponta que Malinche, em sua nova condição “lengua”, ocupava certa posição de prestígio. E isso é reconhecido por nossa personagem, que estabelece um paralelo de antes e depois de ser a intérprete, evidenciando sua posição “privilegiada,” estando em lugares que eram dedicados única e exclusivamente aos homens. Assim, a personagem é mediadora de questões políticas e bélicas, a porta voz de Cortés e o meio pelo qual os indígenas e espanhóis poderiam se comunicar, fazer alianças e travar conflitos. No entanto, como afirma a narradora, essa condição era instável, pois, qualquer falta ou erro que pudesse causar prejuízo aos espanhóis poderia levá-la à morte. Malinche luta pela sua sobrevivência e faz o que acha que será melhor para alcançar sua liberdade.

No había vuelta atrás, no había manera de salir ilesa. Conocía perfectamente la crueldad de Moctezuma y sabía que si los españoles resultaban perdedores en su empresa, ella estaba condenada a la muerte. Ante esta alternativa, ¿por supuesto que prefería que los españoles triunfaran! Y si para asegurar su triunfo tenía que mantener viva la idea de que eran dioses venidos del mar, así lo iba a hacer, aunque ya no estuviera tan convencida de tal cosa. La ilusión de algún día poder hacer lo que se le viniera en gana, casarse con quien ella quisiera y tener hijos sin el temor de que fuesen tomados como

esclavos o destinados al sacrificio era lo suficientemente atractiva como para no dar un paso atrás. Lo que más deseaba era tener un trozo de tierra que le perteneciera y en donde pudiera sembrar sus granos de maíz, los que siempre cargaba con ella y que habían sido parte de la milpa de la abuela. Si los españoles podían lograr que sus sueños se cristalizaran valía la pena ayudarlos (ESQUIVEL, 2006, p. 31).

Esquivel traz à tona mais que uma vez a questão de traição. Na verdade, Malinche busca sobreviver em um mundo dominado por regras e costumes que fazem da mulher, sobretudo indígena, um ser sem voz e vez. Ao ser a “voz”, ela dá a si mesma a possibilidade de alterar seu destino. Como escrava é uma mulher que subverte seu gênero, não se molda aos padrões impostos para as mulheres da época (apesar de estar submetida a eles) e atribui outros significados a sua existência. Esquivel constrói em sua metaficção historiográfica uma Malinche com características de uma mulher contemporânea, talvez valendo-se desse recurso por encontrar nela traços (mesmo que efêmeros) de uma mulher que está à frente de seu tempo e que a tradição não foi capaz de calar.

A autora também joga com a possibilidade do amor erótico entre Cortés e Malinche. A narradora, em vários momentos, deixa transparecer que a atração e o desejo eram compartilhados entre os dois amantes, ao mesmo tempo que revela a violência e o poderio que a ela é imposto. Nesse sentido:

Cortés y Malinalli, dentro del agua, uno frente al otro, se miraron a los ojos y descubrieron su destino y su unión inevitable. Cortés comprendió que Malinalli era su verdadera conquista, que ahí, en medio del abismo de los ojos negros de esa mujer, se encontraban las joyas que tanto buscaba. Malinalli, por su lado, sintió que en los labios de Cortés y en su saliva había un trozo líquido de dios, un pedazo de eternidad y que a ella le urgía saborearlo y conservarlo entre sus labios (ESQUIVEL, 2006, p. 35).

Esse amor romântico, que aparentemente culmina em um desejo mútuo, é desmascarado à medida que o ato sexual se consuma. A relação entre esses personagens é uma mescla do divino com o carnal. Ela anseia por compartilhar sua fé e dar a conhecer seus deuses, já ele, por sua vez, é dominado pelo desejo e pela luxúria.

Durante unos minutos —que parecieron eternos—, Cortés la penetró una y otra vez, salvajemente, como si toda la fuerza de la naturaleza estuviese contenida en su ser. Mientras, llovió tan fuerte que esa pasión y ese orgasmo quedaron sepultados en agua, lo mismo que las lágrimas de Malinalli, quien por un momento había dejado de ser «la lengua» para convertirse en una simple mujer, callada, sin voz, una simple mujer que no cargaba sobre sus hombros la enorme responsabilidad de construir con su saliva la conquista. Una mujer que, lejos de lo que podía esperarse, sintió alivio de recuperar su condición de sometimiento, pues le resultaba mucho más familiar la sensación de ser un objeto al servicio de los hombres que ser la creadora de su destino (ESQUIVEL, 2006, p. 35).

O fragmento faz uma dupla leitura da condição de Malinche como mulher e escrava, isto é, duas vezes submetida aos desígnios de outrem. É nítido o domínio de Cortés sobre seu corpo e sua vida.

A mulher sempre foi silenciada e subjugada pelos sistemas políticos e sociais que se instauraram nas sociedades, dominados predominantemente pelo homem. O patriarcado condiciona a mulher a uma posição inferior à do homem pelo fato de ser mulher. Desse modo, o papel feminino na sociedade é culturalmente determinado e diretamente vinculado ao “poderio” masculino. De acordo com Hutcheon (1991, p. 211):

Tanto a teoria pós-estruturalista feminista como a ficção pós-modernista abordam e radicalmente problematizam as mesmas questões [...]. Nos termos da teoria, as mulheres ‘participam do discurso humanista liberal de liberdade, de autodeterminação e da racionalidade, e ao mesmo tempo participam do discurso especificamente feminino, apresentado pela sociedade, da submissão, da relativa impropriedade e da intuição irracional’.

Esquivel afirma e nega discursos comumente proferidos a respeito da mulher, ao explicitar que Malinche é sujeito, possuindo desejo, sonhos e expectativas, ao passo, que também é objeto a serviço de outrem. E essa condição de mulher submissa, no contexto em que ela está inserida, é bem mais aceitável do que o papel que exerceu e incorreu em implicações negativas para ela até a atualidade.

A ideia fundamental de nação que se construiu ao longo da história mexicana baseou-se principalmente na perspectiva masculina, heteronormativa e patriarcal seja ela mestiça ou europeia. Desse modo, as estruturas sociais e políticas dessa “comunidade imaginada” excluía quem divergisse dessa estrutura, a realidade da fundação foi bem mais cruel do que os ideários literários fundacionais. Inclusive, chegando ao ponto de vitimar e pôr todo o peso de uma derrota (ou de uma conquista, dependendo da ótica) nos ombros de uma única mulher que não possuía controle nem da sua própria língua.

No contexto das crônicas, não existe uma ideia de nação (que só surgiria três séculos após) tal como Benedict Anderson (1993) defende. Já nos discursos nacionalistas e pós-nacionalistas, a ideia de nação começa a ser forjada, inclusive por meio dos romances e narrativas de fundação. A Malinche, nesse contexto, ressurgiu como um símbolo nacional da passividade e entrega indígena, por “concorrer” com os objetivos do conquistador. É “La Chingada”, a mãe violada, a Eva mexicana, a que não oferece resistência, que prefere o estrangeiro em detrimento ao nacional.

Esquivel sugere um discurso no qual essa interpretação de Malinche seja desestabilizada e revisitada, pois, ao atentar para a multiplicidade de discursos, evidencia que a história não é uma via de mão única.

No romance há duas visões a respeito da mestiçagem, que também atestam para as percepções que se estabeleceram a respeito da mescla racial entre indígenas e espanhóis. De acordo com a narradora

Cuando Malinalli se supo embarazada, se sintió plena, feliz. Sabía que en su vientre latía el corazón de un ser que iba a unir dos mundos. La sangre de moros y cristianos, con aquella de los indios, con esa raza pura, sin mezcla. Cuando el niño nació, Cortés celebró durante tres días. Era su primer hijo varón. Ya tenía en quien perpetuar su nombre, a quién heredar. Pero un pensamiento oscuro empañó su felicidad: había tenido su hijo fuera del matrimonio y, además, lo había tenido con una esclava. Su hijo no sería bien visto en la Corte de España. Su hijo era un mestizo (ESQUIVEL, 2006, p. 63).

Malinche, conforme uma perspectiva indígena, vê com bons olhos a mestiçagem. Já Cortés, que encarna a visão do espanhol, percebe a mescla racial como um problema. A autora ironiza essa questão, pois, narrando desde a perspectiva da personagem, reconhece que há uma raça impura, mas não é a indígena, e sim a espanhola, fruto de “moros y cristianos”.

No romance ela é uma heroína, mas também a vítima que se sente lesionada, violada e tratada como um objeto a serviço da conquista. E como qualquer objeto que perde sua utilidade após o uso, torna-se um “despojo” de guerra. Esse sentimento é especificado em um diálogo entre Malinche e Cortés:

—Ya estamos aquí, ahora sí, dime, ¿qué es lo que quieres?
 — [...] Lo que quiero no puedo tenerlo porque me arrastras en el camino de tus obsesiones. Tú me prometiste libertad y no me la has dado. Para ti, yo no tengo alma ni corazón, soy un objeto parlante que usas sin sentimiento alguno para tus conquistas. Soy la bestia de carga de tus deseos, de tus caprichos, de tus locuras [...]. (Cortés) No podía renunciar a ser el más grande de todos los hombres. El más poderoso, el más inmenso, a cambio de una ciudad y una mujer ya conquistadas. Por eso, su pensamiento cambió inmediatamente y miró a Malinalli como una loca y estúpida mujer que efectivamente sólo le servía como un objeto, como un instrumento de conquista. Se rió y le dijo:
 —Vuelve a la razón, Marina. No permitas que tus sentimientos envenenen el sentido de nuestras vidas y acepta que tu misión es simplemente ser mi lengua [...]. Dedícate a obedecer y agradece lo que he hecho por ti, ¡porque es más grande que tu vida! (ESQUIVEL, 2006, p. 66).

Nesse episódio, Malinche é a voz e despeja sobre Cortés todo o seu remorso e descontentamento. As promessas de Cortés não se concretizaram e ela, por fim, confrontando o conquistador, confirma que é apenas um instrumento que esteve a serviço do conquistador. Se nos discursos nacionalistas ela é uma espécie de anti-heroína que vende seu povo e

favorece a conquista, aqui ela é a vítima que foi traída e enganada. Há também uma inversão da figura de Cortés que passa de herói (conforme seus próprios relatos) a anti-herói/mal.

Acreditamos que a autora em determinados momentos exagera em seus argumentos, enaltecendo a Malinche a tal ponto de deificá-la e, inversamente, mostrando um lado mais obscuro de Cortés, que se nas crônicas forjou-se um ideário que o coloca como o herói absoluto e principal conquistador, no romance este personagem é o mais vil e supérfluo possível, utilizando tudo e a todos para seu próprio benefício.

«Este hombre es insaciable», se dijo a sí misma. «Parece que lo único que lo despierta a la vida es la muerte. Lo único que lo hace gozar es la sangre. El deseo de destruir, de romper, de rasgar, de transformar.» Sintió lástima por él y por primera vez tuvo compasión de este hombre obsesivo y terrible. Sintió pena de que no pudiera estar en paz (ESQUIVEL, 2006, p. 63).

O que nos parece problemático, pois atenta para uma visão maniqueísta do mundo e do homem, fundamentada em princípios opostos de bem e mal. Porém, se considerarmos que nas crônicas indianas essa visão é corrente e explícita a partir de outra perspectiva, ou seja, Cortés é o herói absoluto e o único foco narrativo, enquanto que os indígenas (e também a mulher) são postos sob uma ótica negativa e excludente. O cruzamento de tais perspectivas, possível através dessa metaficção historiográfica, permite a anulação dessas visões paradoxais, conduzindo-nos à problematização dos modos como a história foi construída.

Hutcheon (1991) considera que a característica principal da história e da ficção é que elas se constituem por meio e através do discurso, o gênero em si não possui autonomia de ditar as regras de sua interpretação. A metaficção historiográfica atenta então para o fato de somente termos acesso ao passado de forma textualizada. A autora evidencia que

Os discursos pós-modernos inserem e depois contestam nossas tradicionais garantias de conhecimento, por meio da revelação de suas lacunas e sinuosidades. Eles não sugerem nenhum acoso privilegiado à realidade. O real existe (e existiu), mas nossa compreensão a seus respeito é sempre condicionada pelos discursos, por nossas diferentes maneiras de falar sobre ele (HUTCHEON, 1991, p. 202).

Por conseguinte, o discurso é um construto linguístico, que envolve elementos como autor/leitor/texto e está diretamente atrelado ao contexto sócio/histórico que é construído. Desse modo, as ideologias se materializam no discurso, que por sua vez, é materializado na língua.

Segundo a narradora, após a conquista do México Cortés presenteia Malinche para Juan Jaramillo, com quem tem uma filha. Em determinado momento, há outro confronto entre Cortés e Malinche. Nesse episódio, há uma inversão de valores que nos permite pensar qual

seria o motivo da autora optar no corpo do texto por chamar a personagem indígena de Malinalli e não Malinche.

Cortés nas suas crônicas praticamente silencia a presença e importância de Malinche, no entanto, para os índios, ela é quem possuía maior destaque, a tal ponto de considerarem o conquistador a partir de uma ótica secundária. Os mesmos o veem como “capitán de Marina”⁷, há uma justaposição de identidades, uma espécie de atravessamento da figura de Malinalli que age sobre Cortés. Se hoje o termo é usado para caracterizar a índia, durante a conquista ele era utilizado para referir-se a Cortés, pois a presença de Malinalli junto ao conquistador alterou a identidade do mesmo.

Nas palavras da personagem

Cortés, por siempre te agradeceré el hijo y el esposo que me diste, el trozo de tierra que amablemente nos regalaste a Jaramillo y a mí para que pudiéramos echar raíces, pero no me pidas que declare, no en ese tono, ya no soy tu lengua, señor Malinche (ESQUIVEL, 2006, p. 75).

Cortés, como conquistador absoluto nas crônicas, vê-se dissolvido através da figura da índia interprete, nisso evidencia-se uma relação de dependência, pois como chefe dos espanhóis e idealizador do projeto de conquista do México é um homem que carece de voz, e ao encontrar em Malinche a possibilidade de superar sua deficiência, torna-se um sujeito dependente, que se confunde com Malinalli.

Em suma, a leitura do romance permite a (re)visão e (re)construção da identidade negativa de Malinche que foi elaborada ao longo de três séculos no México. A autora propõe resignificar sua figura, pois na narrativa Malinche é apresentada como um sujeito complexo, que possui sua própria forma de pensar o mundo e de agir sobre ele. Assim, o romance evidencia uma personagem que é forte, inteligente e decidida, ao mesmo tempo que é insegura, temente e frágil.

O romance é via para reflexão a respeito de Malinche e da condição da mulher e do marginalizado durante a conquista do México no século XVI. Na voz da narradora ela ganha personalidade, não intencionalmente silenciada e submetida a voz do dominador como nas crônicas aqui analisadas, nem é apresentada como uma traidora, como o fizeram os romances de fundação, mas como uma mulher com desejos, sonhos e medos.

⁷ Bernal Díaz del Castillo explica essa afirmação: Antes que más pase adelante quiero decir, como en todos los pueblos por donde pasamos, ó en otros donde tenían noticia de nosotros, llamaban á Cortés Malinchi [...] y la causa de haberle puesto aqueste nombre, es, que como Doña Marina nuestra lengua estaba siempre en su compañía, especialmente quando venian Embaxadores, ó pláticas de Caciques, y ella lo declaraba en lengua Mexicana, por esta causa le llamaban á Cortés el Capitan de Marina, y para más breve le llamáron Malinchi [...] (DÍAZ DEL CASTILLO, 2014, p. 209).

Assim, tanto nas crônicas do século XVI, como nas ficções fundacionais no século XIX as relações de poder que estavam vigentes, afetaram a forma como algumas pessoas foram lembradas e outras foram fatalmente excluídas e marginalizadas. Isso é evidenciado quando pensamos em Malinche, que ao longo da história ganhou diversas representações, cada condicionada ao olhar do narrador.

Desse modo, o romance mesmo não possuindo compromisso com a verdade (apesar de Esquivel procurar meios de dar veracidade a ele) é um meio de refletir sobre as representações históricas, e o que elas implicam como o racismo, a exclusão, o apagamento e o silenciamento, afetam como o passado é visto e como o presente é escrito.

3. CONSIDERAÇÕES

Mais recentemente (25/03/19), o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, tornou público uma exigência de retratação, por parte da casa real espanhola e à igreja católica, pelos abusos e extermínio realizados aos nativos durante a Conquista mexicana. Essa atitude, por sua vez, reacendeu as discussões referentes a esse fato, pois causou uma onda de indignação dos espanhóis, que veem a conquista desde uma ótica distinta a dos mexicanos, de acordo com os espanhóis esse período é visto como um propulsor da civilização em detrimento a barbárie dos povos autóctones⁸. O fato é que tal exigência revela uma ferida que ainda não cicatrizou na América-latina, a ferida colonial.

O presente trabalho ao trazer para reflexão a personagem Malinche, inevitavelmente, traz à tona um embate em relação a essa ferida colonial, a aparente inércia dos mexicanos à Conquista e colonização espanhola. Malinche entra nesse contexto, pois a busca por responsáveis ou culpados acabou afetando esta indígena, que acabou transformando-se em um símbolo nacional (negativo) de um passado que é obscuro e problemático, daqueles que segundo alguns preferiram o estrangeiro ao nacional.

Laura Esquivel com seu romance *Malinche*, por sua vez, é um meio e via de reflexão sobre essas questões, pois permite ver e pensar a história dessa indígena a partir de outra perspectiva, e não apenas do espanhol ou do crioulo, que tendem a obscurece-la ou culpá-la pelos malefícios que a conquista mexicana trouxe aos povos autóctones .

O caminho aqui traçado serviu de subsídios para poder identificar no romance discursos que atestam para o passado e outros que evidenciam o presente, ambos de forma crítica e problematizadora.

Nosso primeiro capítulo, que analisou as crônicas da Conquista do México escritas por Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo e Francisco López de Gómara, atestou para o fato de que a Malinche que chega até nós pelas Crônicas Indianas é a expressão da exploração e violência impostas aos autóctones e à mulher da época.

Cada cronista a seu modo apresenta a personagem, alguns mais, como é o caso de Bernal Díaz, outros menos, Hernán Cortés e López de Gómara, porém, escrevem a partir de uma ótica machista e eurocêntrica, que silencia a figura de Malinche em decorrência de um espírito de autossuficiência e narcisismo. Essa índia, apesar de ser a peça chave que

⁸"Exigência do México confronta Espanha com sua autoimagem"

Disponível em: <https://m.dw.com/pt-br/exig%C3%A2ncia-do-m%C3%A9xico-confronta-espanha-com-sua-autoimagem/a-48082906> Acesso: 25/03/2019

possibilitou a conquista, pois seu domínio das línguas indígenas da região de Tenochtitlán e do espanhol permitiu que Cortés pudesse chegar ao império asteca e conquistá-lo, é minimizada e silenciada. Desse modo, a trama criada por esses autores direciona o olhar para as ações feitas (mesmo que questionáveis) dos espanhóis, em detrimento, a de Malinche.

Vê-se que Malinche é nesse contexto para os espanhóis apenas uma escrava, que deve servir ao seu senhor, e nisso inclui exercer a função de “lengua”, ou seja, de tradutora.

No segundo capítulo, parte mais teórica, buscamos refletir como se construiu a ideia de nação, e da nação mexicana, mais especificamente. Nisso evidenciou-se que a *comunidade imaginada*, como Anderson (1993) intitula, foi resultado de uma política de negação dos sistemas anteriormente em vigor, o reino dinástico e as comunidades religiosas, e de uma nova percepção a respeito do tempo, que deixa de ser homogêneo e linear.

Na América, as políticas pós-independistas foram regidas por dois aspectos fundamentais: 1) o colonialismo interno, que perpetuou a lógica europeia de marginalização e exclusão de determinados povos da história, e teve como principal propulsor as políticas de gênero e étnicas e 2) a criação das *ficções de fundação*, de uma maneira inversa, mas não menos tendenciosa, buscaram construir uma nação ideal, mas que atrelada a antigos discursos perpetuou a lógica colonial de poder.

Ambas políticas “nacionalista” acabaram por vitimar e marginalizar grande parte da população, que não se enquadravam nos ideários impostos pelas elites crioulas. Desse modo, Malinche é retomada neste período e constrói-se um ideário no qual ela é a traidora da nação mexicana, pois segundo esses discursos concorreu com os espanhóis para a Conquista do México. Fardo que ela carregou até a atualidade.

Já no terceiro capítulo, dedicado à análise do romance, buscamos refletir sobre três aspectos fundamentais: 1) o narrador deixa de ser masculino (como nas crônicas) e passa a coincidir com uma perspectiva feminina; 2) Malinche deixa de ser periférica para ocupar papel central e; 3) a problematização dos processos narrativos.

Laura Esquivel acrescenta uma nova forma de pensar Malinche, dando maior visibilidade à figura feminina, indígena e marginal. Dessa forma, convida-nos a imaginar outras comunidades possíveis para a nação mexicana, diversa daquela idealizadas nos romances de fundação. Que apesar de proferirem um discurso de novidade ainda estavam vinculadas aos sistemas de representações do passado, que tinham como principal marca a lógica colonialista de exclusão de determinados povos e pessoas da história, simplesmente por não fazerem parte de um lócus enunciativo privilegiado.

Hutcheon (1993) a partir da sua tese a respeito da noção de metaficção historiográfica serviu de suporte para refletirmos sobre esses aspectos, pois a autora considera que esse gênero é marcado pelo paradoxo, em três âmbitos principais o fictício/histórico, o particular/geral e o presente/passado, que atestam para a necessidade de problematizar as versões admitidas da história.

Desse modo, o romance se materializa através de um discurso múltiplo, poroso e impossível de ser sintetizado. De maneira geral, apresenta a personagem com características mais humanas e, de igual modo, suscetível ao erro e ao engano. Nessa narrativa, Malinche não é posta como traidora, e sim como uma mulher que cercada por um contexto que até então era impossível de se imaginar, busca se sobressair e sobreviver em um ambiente dominado pelo desconhecido.

Ao considerarmos o romance anti-fundacional, temos em vista que Esquivel expõe e até mesmo sobreleva os discursos colonialistas e nacionalistas para questioná-los. Desse modo, propõe a desconstruir qualquer identidade fixa de Malinche, revisando discursos já ditos e até mesmo enrijecidos da sociedade mexicana e reconstruindo a voz da intérprete que foi calada pela voz do conquistador.

Como romance anti-fundacional, Malinche é um convite ao múltiplo e ao diverso. É também um modo para problematizarmos o passado, pois se considerarmos que somente temos acesso ao passado por meio da narrativização, esta forma de expressão não se materializa de forma neutra e, assim, quem está com no poder acaba por escrever a história a partir de sua ótica.

Desse modo, ao parodiar os discursos comumente aceitos a respeito da personagem ao longo da história, evidencia em sua construção uma tentativa de se contrapor à lógica machista, patriarcal, eurocêntrica e colonialista que ditou o lugar da mulher e do índio no contexto social-político-cultural de fundação mexicana.

O romance faz, assim, uma dupla releitura, tanto do contexto colonial como pós-colonial e põe para reflexão os paradigmas da fundação. Ao considerarmos a narrativa anti-fundacional evidenciamos que ela é capaz de escancarar as entranhas do processo de fundação, que culminou na ideia do México como nação moderna, dando voz ao vencido, e escrevendo a história a partir do protagonismo indígena/feminino.

Como anteriormente exposto, o México ao pedir a Espanha que se retrate pela colonização expõe uma ferida colonial que ainda dói. De uma maneira geral, isso atenta para a complexidade estrutural e simbólica na nação mexicana, que ainda busca rever seu passado. O romance Malinche evidencia que a diversidade constitutiva da personagem, ou seja, essa sua

natureza descontínua, podendo ocupar múltiplas posições, é via para reflexão que há outros caminhos e possibilidades para se pensar a nação mexicana enquanto comunidade.

Desse modo, o romance deixa-se abrir a múltiplas interpretações e ao fazê-lo a autora desestabiliza as versões admitidas na história a respeito de Malinche, não buscando exaltar “sua” verdade, mas ao recontar o fato, concebe que todo e qualquer discurso que remonta ao passado tem implicações ideológicas e políticas verificáveis.

Consideramos que Esquivel reconstrói a história de Malinche como uma estratégia para problematizar as versões admitidas da história, para evidenciar o vencido, dando voz a mulher e ao indígena. Desse modo, Esquivel no romance reivindica novas interpretações para a personagem e para suas ações no passado, com a finalidade de questionar as acusações feitas a Malinche e mostrar um lado mais humano para esta personagem, que assim como tantos outros personagens silenciados, não pôde escolher seu destino, nem a forma como sua história foi escrita.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. Comunidades **Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Fondo de Cultura económica: México, 1993.
- BARBOSA, Márcia Fagundes. Nação, um discurso simbólico da modernidade. **Revista Crítica Cultural**, v. 6, n. 1, p. 203-216, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnicas, arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. p. 222-243.
- CHIARETTO, Marcelo. Projetos de (re) modelação nacional no Romantismo. v. 3, Aletria: **Revista de Estudos de Literatura**, out. 1995, p. 55-63
- COLON, Cristóbal. **Los cuatro viajes del almirante y su testamento**. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/los-cuatro-viajes-del-almirante-y-su-testamento--0/html/ff83a3be-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html#I_2 Acesso: 30 jan. 2017
- CORTÉS, Hernán. Segunda Carta. 1520. In: SERNA, M. (org.). **Crónicas de Indias: antología**. Madrid: Cátedra, 2007. Cap. 3, p. 211 – 321.
- CORTÉS, Hernán. **Cartas de Relación**. Freeditorial. Disponível em: <https://freeditorial.com/es/books/cartas-de-relacion> Acesso: 17/03/2017
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. Historia Verdadera de la conquista de la Nueva España. In: SERNA, M. (org.). **Crónicas de Indias: antología**. Madrid: Cátedra, 2007. Cap. 3, p.321-396
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia Verdadera De La Conquista De La Nueva España**. Tomo I. Biblioteca Saavedra: Fajardo, 2014. Disponível em: <http://www.saavedrafajardo.org/Archivos/diazhistoria.pdf>
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia Verdadera De La Conquista De La Nueva España**. Tomo II. Biblioteca Saavedra: Fajardo, 2014. Edición a partir de: Díaz del Castillo, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Tomo II. Madrid: Imp. de Don Benito Cano, 1795. Disponível em: <http://www.saavedrafajardo.org/Archivos/diazhistoria2.pdf>
- ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. Santillana Ediciones Generales S. A. de C. V, 2006. Disponível em: <https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2014/01/malinche-laura-esquivel.pdf> Acesso: 27/03/2018.
- FREITAS, Fabiane Cristiane Carlos; RIBEIRO, Fernanda Aparecida. Múltiplos olhares: a personagem Malinche nas obras de marcela del río e elena garro. **Revista Alêre**, v. 15, n. 1, 2017, p. 251-272.
- GONZÁLEZ, Leila Shaí Del Pozo; FLECK, Gilmei Francisco. A configuração ficcional de Malinche em obras de 1826, 1954 e 2005. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 12, n. 19, 2016.
- HERNÁNDEZ, Cristina González. **Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2002.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

HUTCHEON, Linda. **La política de la parodia postmoderna**. *Criterios*, La Habana, edición especial de homenaje a Bajtín, julio 1993, pp. 187-203

JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A Malinche dos Cronistas**. 1. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

MIGNOLO, W. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Íñigo. **Historia de la literatura hispanoamericana: época colonial** (tomo I). Madrid: Cátedra, 2002. p. 65-78.

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Trad. Silvia Jawerbaum y Julieta barba. Barcelona: Gedisa, 2007.

ORTEGA Y GASSET, José. Miseria y esplendor de la traducción. In: _____. **Obras Completas**. Tomo 5. Madrid. Revista de Occidente, 1970.

PAZ, Octavio. Los hijos de la Malinche. In: _____. **El laberinto de la soledad**. Fondo de Cultura Económica: México, 1992. Disponible en: <http://www.hacer.org/pdf/Paz00.pdf>
Acesso: 15/02/2019

RANGEL, Javier Treviño. **Racismo y nación: comunidades imaginadas en México**. Estudios sociológicos, 2008. p. 669-694.

SERNA, M. (org.). **Crónicas de Indias: antología**. Madrid: Cátedra, 2007. p. 15-102

SOMMER, Doris. **Ficciones fundacionales: las novelas nacionales de América Latina**. Bogotá: Ediciones Fondo de Cultura Económica, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.